Capítulo 3. Brasil

Estudos sobre o imaginário no Brasil e a influência de Gilbert Durand¹

DANIELLE PERIN ROCHA PITTA

*Todos aqueles que se inclinaram de maneira antropológica,
isto é, a um só tempo com humildade de espírito,
e largueza de horizonte poético,
sobre o campo do imaginário, estão de acordo
em reconhecer à imaginação [...] esse poder realmente metafísico de erigir suas obras
contra o apodrecimento da Morte e o Destino.*
G. Durand

Os Estudos sobre o Imaginário no Brasil, tiveram início em 1974 no Recife, com a minha chegada na Fundação Joaquim Nabuco —na época Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais—, onde vinha desenvolver a pesquisa de campo relativa à tese de doutorado em Grenoble, sob a orientação do professor Gilbert Durand, e com a fundação, a partir de um projeto meu, do primeiro Centro de Pesquisas sobre o Imaginário. Posteriormente estes estudos tiveram

1 Texto composto a partir de trechos de outros textos, preexistentes, e de citações de respostas aos questionários aplicados para esta pesquisa. Meus agradecimentos a todos aqueles que responderam ao questionário.

continuidade no Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário, ainda hoje sob a minha coordenação, tendo por vice-lider a professora Vitoria Amaral. Em seguida destaca-se o Centro de Estudos do Imaginário, Culturanálise de Grupos e Educação (CICE) criado em 1994, junto à Área Temática da Pós-Graduação: “Cultura, Organização e Educação” e ao Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, pelo professor José Carlos de Paula Carvalho e a sua equipe (María Cecília Sanchez Teixeira, Maria do Rosário Silveira Porto e Helenir Suano).

Hoje são 70 —há variações entre 70 e 72— grupos de Estudos e 385 linhas de pesquisa cadastrados no CNPQ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Aqueles voltados unicamente para Representações Sociais somam 48 grupos. Optamos aqui por levar em consideração somente aqueles que incluem o imaginário em suas pesquisas. Os motivos da importante recepção de novos paradigmas no Brasil dizem respeito, acreditamos, às características da cultura brasileira: diversidade cultural e acelerada dinâmica do cotidiano, entre outras.

Em 2005, María Cecília Sanchez Teixeira publica no livro *Ritmos do Imaginário* um artigo intitulado: A pesquisa sobre o imaginário no Brasil: Percursos e Percalços, no qual coloca que “Embora o valor heurístico de estudos sobre o imaginário ainda não seja amplamente reconhecido e aceito no campo das Ciências Humanas e Sociais, é possível constatar a sua expansão significativa nos últimos 30 anos, pelo aumento do número de pesquisadores e estudiosos que, de forma isolada ou em grupo, se dedicam a esses estudos em diversos países, entre os quais o Brasil” (p. 90). Já existia então (em 2005) esta preocupação em se ter um panorama geral destes estudos no Brasil. Esta pesquisa foi retomada aqui com os dados do ano de 2016.

Para desenvolver a primeira parte deste estudo foi enviado o questionário sugerido pela RIIR a todos os líderes de grupos de pesquisa cadastrados no CNPQ intitulados “imaginário”: ao todo foram obtidas 25 respostas. Não foram levadas em conta as linhas de pesquisa, pois estas são muito numerosas, constituem material demais para um

capítulo de poucas páginas. Os grupos de Estudo se espalham por todos os Estados do Brasil. Considerou-se então os 25 questionários recebidos como representativos da rede de pesquisas como um todo. A partir deles foi efetuada uma estatística cujos resultados seguem abaixo —Conjunto das respostas—.

O interesse para começar a investigar as questões em torno das representações sociais e do imaginário surgiu, na maioria dos casos, da necessidade para o pesquisador, de acessar um nível mais profundo de conhecimento.

Citações dos questionários que ilustram a questão: “Busca por compreender melhor o universo interior do ser humano”; “Necessidade de uma metodologia de pesquisa que atendesse a re-atualizações míticas, desenvolvimentos arquetípicos e expressão da linguagem fortemente centrada nas imagens”; “procura de enfoque transdisciplinar e pluri-metodológico, acadêmico e não confessional. Especial destaque à pesquisa dos processos de educação inter ou trans-religiosa em cultura pluralista”; “Pensar em comunicação é pensar em mediações e vínculos, inconsistente pensar nestes sem pensar em representações sociais e do imaginário”; “Procura de como interpretar questão aberta, desenho e imagens (Eranos)”; “Em função da Dissertação de Mestrado, O filtro mágico da linguagem de Miguel Ángel Asturias e sua trilogia (1989), investigação do pensamento e do imaginário Maia, história e memória”; “Pesquisa no âmbito da análise fílmica para o registro nas unidades de informação, ou seja, nos grandes estoques de informação e memória (Cinematecas, Bibliotecas, Arquivos)”; “representações no âmbito da arquitetura que se articulam a temas pertinentes à arqueologia e à história das religiões”; “Estudar a memória traumática do massacre e o seu retorno repetitivo no imaginário midiaticizado”; “Por conta das análises elaboradas para a análise de campanha publicitária de grande impacto e repercussão sobre o tema da violência em relação à criança”.

Outras vezes, o interesse surgiu do contato com professores ou descoberta de autores: Orientação de tese por G. Durand; contato com o Grupo de Estudos da Complexidade (Gecom), “Grupo Morin” (Maria da Conceição de Almeida); na disciplina *Literatura e Imaginário* e com os estudos sobre *Fazer poético e Imaginário*.

Em Antropologia/UFPE na linha de pesquisa sobre o Simbolismo e Imaginário. Ingresso no grupo de pesquisa sobre a liderança da professora Danielle Perin Rocha Pitta, na pesquisa: educação, religião e imaginário. Surgiu na Université René Descartes (2005-2010), com Michel Maffesoli, sobre “Médiations Technologiques dans la ville: de l’expérience de l’espace urbain aux formes d’interaction sociales hybrides”. O interesse surgiu após conhecer o CICE (Centro de Estudos do Imaginário, Culturanálise de Grupos e Educação) na FE-USP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). Lendo as obras de Michel Maffesoli. Descoberta das obras de Gilbert Durand. Pelas pesquisas da Professora Dra. Danielle Perin Rocha Pitta, e estudos sobre a estética, o estudo do belo, das festividades populares exemplificadas no carnaval, nas quadrilhas juninas e na moda. Leitura do primeiro livro de Moscovici. Pela Disciplina *Literatura e Antropologia do Imaginário* com a Profa. Zaira Turchi, no doutorado em Letras. A influência da teoria do imaginário é base da tese *A teofania em Grande Sertão: Veredas - Por uma pedagogia dos símbolos*. Contato com o termo imaginário na iniciação científica, em 1997, curso de Geografia da unesp – Universidade Estadual Paulista. Membro, de um grupo de pesquisa sobre “atores políticos e suas representações sociais”. Ciclos de Estudos sobre Imaginário organizados pela Profa. Danielle Pitta: no ano 2000, no Recife, participação do XI Ciclo do Imaginário – imaginário e memória, e dos XIII, XIV, XV e XVI Ciclos do Imaginário, todos no Recife – PE. Com a participação da Profa. Nilda Teves no processo formativo e o contato feito com a teoria de Cornelius Castoriadis. Aprofundamento da teoria do imaginário de Gilbert Durand por sugestão da Profa. Altair Loureiro com orientação de teses de doutorado sobre Representações Sociais. Na ECA/ USP (Escola de Comunicações e Artes), sob a orientação de Edvaldo Pereira Lima; contato inicialmente com Michel Maffesoli, indicado pela professora Cremilda Medina e, em seguida, com Gilbert Durand.

Oito autores mais citados com os quais os pesquisadores dialogam são

25 respostas: cada uma citando vários autores:

Gilbert Durand: 20
Gaston Bachelard: 14
Michel Maffesoli: 12
Danielle Perin Rocha Pitta: 9
Jean-Jacques Wunenburger: 8
Edgar Morin: 8
Carl Gustav Jung: 8
Michel Serres: 5

Conjunto de autores citados

Não constam os autores citados uma única vez

Aby Warburg
Alain Badiou
Alberto Filipe Araújo
Ana Maria Lisboa de Mello
Ana Tais Portanova Barros
André Leroi-Gourhan
Arjun Appadurai
Boaventura de Souza Santos
Bóris Cyrulnik
Carl Gustav Jung
Carlo Vinti
Catarina Sant'Anna
Christian León
Claude-Gilbert Dubois
Claude Lévi-Strauss
Corin Braga
Cornelius Castoriadis
Dan Sperber
Danielle Perin Rocha Pitta

David Bohm
Denise Jodelet
Edgar Morin
Edgard de Assis Carvalho
Eduardo Portanova Barros
Elda Rizzo de Oliveira
Elyana Barbosa
Ernst Cassirer
Fabio Ferreira de Almeida
Fabio La Rocca
Felix Guattari
Francimar Arruda
Gaston Bachelard
Gilbert Durand
Gilles Deleuze
Gilles Hieronimus
Glória Kirinus
Gustavo de Castro
Henri Atlan
Ilya Prigogine
Ionel Buse
James Hillman
Jean Baudrillard
Jean Libis
Jean-Jacques Wunenburger
Jean-Luc Poliquen
João de Deus Vieira Barros
Joël de Rosnay
José Carlos de Paula Carvalho
José Ternes
Joseph Rykwert
Julian Lamy
Karl Kerényi
Lisandro Lucas de Lima Moura
Malena Contrera
Marcos Ferreira Santos

Maria Aparecida Lopes Nogueira
Maria Cecília Sanchez Teixeira
Maria Noel Lapoujade
Maria Zaira Turchi
Marly Bulcão Lassance Brito
Martine Xiberras
Maryvonne Perrot
Michel Maffesoli
Michel Serres
Mircea Eliade
Octávio Paz
Paolo Bellini
Patrick Tacussel
Paul Ricoeur
Pedro Azara
Pierre Lévy
Rafael López-Pedraza
Robert Sardello
Roger Bastide
Rudolf Otto
Rupert Sheldrake
Serge Moscovici
Stanislas de Courville
Vincenzo Susca

Os trabalhos se concentram mais em imaginário

Imaginário - 15; Representações sociais - 3; Imaginário/Representações sociais - 8; porque são considerados indissociáveis.

Principais contribuições e dificuldades na resolução de problemas sociais, enfatizando representações e/ou imaginário social.

Contribuições:

Principalmente para Teses e Dissertações pois permite a profundidade das análises: “Os dados simbólicos de uma determinada realidade social são capazes de nos lançar para além do aparente e do imediato, inclusive através daquilo que sua aparência revela”. “As pesquisas em representações sociais têm contribuído para tornar visíveis o que é invisível em inúmeras questões como AIDS, saúde mental, docência, adoção, o que faz com que se possa efetivar ações de políticas públicas e de intervenção profissional condizentes com a realidade dos grupos, participativas e mobilizadoras”. “As categorias de instituído e instituinte são potentes para pensar outros movimentos, outras formas de sociedade, outras formas de estarmos juntos na universidade, outras formas de comportamento individual e social, outras possibilidades de viver”. “O imaginário permite-nos compreender como a sociedade articula-se. Entendemos que a raiz de muitos problemas sociais está nas dificuldades impostas por uma razão moderna, desencantada, progressista e finalista”. “A meu ver, a principal dificuldade na resolução de problemas sociais é a desconfiança por parte da academia em tomar o imaginário como fundamento epistemológico, percebo ainda certo ceticismo em se apropriar dessa ousada e interdisciplinar abordagem para a compreensão das manifestações dos vários fenômenos humanos”. “Uma abordagem compreensiva e sensível dos fenômenos da atualidade procurando compreender a pluralidade de comportamentos pela observação do ‘que é’ e não ‘o que deveria’ ser”. “Na dimensão social, Maffesoli (1996) comenta sobre o ‘rompimento dos valores sociais’, da multiplicidade dos estilos de vida e da estética que fazem a barroquização da nossa existência. A hipótese que levantamos é que algumas criações contemporâneas eliminam as polarizações e reabilitam a possibilidade do ‘terceiro incluído’ (G. Durand, 2002), favorecendo transformações sociais”. “O imaginário afro-brasileiro e africano contribuem em duas formas: primeiro, contra um etnocentrismo que rejeita formas de conhecimento humano que não seja o

dominante; segundo, incorporando esses conhecimentos à educação, compreendendo que o mundo deva ser apreendido em suas múltiplas dimensões”, “A construção/aplicação de métodos que articulem espaço —urbano/arquitetônico— ao imaginário”. “Criar uma visão crítica da nossa atualidade atentando para o fato que a tecnologia não é neutra e atua numa sociedade de mercado em crise, onde as instituições icônicas estão se mostrando incapazes”. “Compreensão da interioridade e da integração social na área da saúde”. “O estudo a partir do Imaginário oferece um mergulho nos fenômenos das representações sociais”.

Dificuldades:

“As dificuldades encontradas estão nos marcos discriminatórios que persistem nos tempos atuais e demarcam entraves que se distendem pelos cenários do país, dificultando a efetiva implantação de políticas que incentivem as pesquisas em nosso campo”. “As dificuldades na resolução de problemas sociais encontram-se principalmente na mudança de representações e em ressignificações”. “Quanto às dificuldades, a tradição ocidental da bipolarização, dicotômica, pode provocar exclusões, marginalizações e intolerâncias. Em certos seminários ou debates a confiança na razão pura, no iluminismo, no cartesianismo, ou seja, nas hermenêuticas redutoras, muitas vezes restringe a compreensão das hermenêuticas pós-estruturalistas e sensíveis”. “As dificuldades na resolução de problemas sociais encontram-se principalmente na mudança de representações e em ressignificações”. “As dificuldades seriam a) de gerar resultados teóricos consistentes, através de análises bem focadas e aprofundadas b) de gerar resultados empíricos e legitimidade suficiente para que esses mesmos resultados possam servir como auxiliares diretos em ações sociais”. “As dificuldades se fazem na introdução às leituras dos autores do Imaginário, pois há uma clara dificuldade sobre o entendimento da teoria, uma vez que todos carregam uma forte influência cartesiana”. “Os estudos do imaginário se fazem num campo pluri-disciplinar, transdisciplinar e interdisciplinar, o que dificulta sobremaneira o entendimento dos autores já que vivemos numa sociedade científica de especialistas. Além disso, a erudição e hermetismo dos textos mais importantes e dos autores fundadores do campo exige

grande capacidade de abstração e transito entre áreas não necessariamente para as quais temos formação, como a filosofia e estudos humanísticos em geral. Tudo isso cria dificuldades para o campo de estudos na resolução de problemas sociais já que antes da aplicação desses estudos a problemas sociais temos que primeiro compreender sua realidade teórica”.

Deduz-se deste conjunto de citações que, no fundo ainda persistem os velhos hábitos de pensamento aprendidos com outras opções filosóficas, especialmente o hábito de se considerar a imagem como uma representação do conceito.

Temas investigados e principais objetivos

Os temas investigados giram em torno dos fazeres e de produtos midiáticos tais como a reportagem jornalística, a fotografia em geral e o fotojornalismo, a comunicação em redes sociais. Dizem respeito às áreas de literatura, educação, antropologia, artes, problemas sociais —violência, sexualidade, saúde, família, meio rural, política—, arquitetura: arquetipologia do espaço. Entre outros.

“Os principais objetivos de investigação: realizar leituras de imagens —literárias, cinematográficas e de outras artes— nas duas vias de abordagem bachelardiana, a saber: a via da imaginação dos elementos e a via da fenomenologia da imaginação”.

Outros objetivos gerais são - o mapeamento de imaginários e a aferição de suas consequências no equilíbrio psicossocial; - o estudo das metodologias do imaginário e sua viabilidade epistemológica na comunicação.

As bases e usos metodológicos

Predominam a *mitodologia* proposta por G. Durand e a valorização da Inter disciplinaridade.

Há uma busca de aprofundamento do conhecimento: “imersão profunda na dimensão da alma”; uso das Poéticas de Bachelard e da

Psicologia arquetípica; do Método I e III de Edgar Morin; da filosofia bachelardiana e os estudos durandianos e seus desdobramentos recentes; Teoria do Imaginário, fenomenologia, semiótica, poética e hermenêutica. Mitocrítica; Testes AT-9 e ATL-9; Mitocrítica e mitanálise; paradigma hermenêutico-fenomenológico; leitura Transtextual; dos métodos baseados nas Estruturas Antropológicas do Imaginário; mitanálise, etnografia e a pesquisa narrativa. Mitohermenêutica; Fenomenologia, descritiva, filosófica e interpretativa; Formismo (M. Maffesoli); Convergência das hermenêuticas; Fenomenologia bachelardiana, hermenêutica simbólica, teorias da complexidade e discussões meta-paradigmáticas. História oral, história de vida, (auto) biografia, biografia escrita e oral, tendo a memória como ferramenta. Campo teórico-metodológico do imaginário. Triangulação metodológica combinando a hermenêutica de profundidade e estudos empíricos qualiquantitativos. A base metodológica ou princípio heurístico adotado é o do trajeto do sentido, sempre tendo como fundamento e horizonte a anterioridade ontológica do imaginário. Em termos de usos práticos, adota-se inicialmente a *mitodologia*.

Temas : velhice, comunicação, saúde (enfermagem), arquitetura, cinema, literatura, psicologia, violência, publicidade, estudos comparados entre culturas, educação, etc.

Quanto ao produto das pesquisas

Em geral, os produtos dos grupos de pesquisa são livros e artigos publicados, organização e participações em reuniões científicas, anais de congressos, orientação de teses, organização de espetáculos, documentários, participação em grupos profissionais de diversas áreas, principalmente educação e saúde.

Seguem alguns exemplos: O Centro de Pesquisas sobre o Imaginário (Fundação Joaquim Nabuco) pioneiro no Brasil, e posteriormente o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário (UFPE–Recife) <http://www.nucleo-pesquisa-imaginario.com/> organizaram, como resultados de suas pesquisas, 16 Congressos internacionais: Os Ciclos de

Estudos sobre o Imaginário,² sendo que o último, em 2011, contou com a participação de 10 países e 500 inscritos. Os Anais destes congressos encontram-se na página <http://www.yle-seti-imaginario.org/home/lista/Anais/27>.

Outro exemplo: a professora Ana Laudelina organiza o Festival Mythos-Logos do Imaginário com atividades semanais. Trata-se de um festival com produções intelectuais e artísticas de professores e pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Programa de Estudos da Linguagem, ambos da UFRN. Tem duração de dois meses e meio e traz uma ou mais atividades a cada semana, tais como: conferências, cursos, minicursos, mostras fotográficas, rodas literárias, leituras de cinema e lançamento de livros. Foram 5 conferências trazendo nomes nacionais, como Carlos Aldemir de Farias (UFPA) e Victor Hugo Guimarães Rodrigues (FURG) e internacionais como Constança Marcondes César (UFSE) e Danielle R. Pitta (UFPE), esta última tendo sido a introdutora dos estudos do imaginário no Brasil há cerca de 40 anos. Curso sobre “Educação Estética Onírica”. Minicursos nos campos da literatura, estudos arquetípicos, fotografia, pedagogias alternativas, música e pesquisa biográfica. Apresentações de filmes —7 longas e 3 média metragens— seguidas de debate com a presença de um comentador e outro debatedor, todos professores e com estudos no campo do cinema. Rodas literárias, cada uma trazendo três expositores e um debatedor, pós-graduandos e professores. E ainda exposições fotográficas, lançamentos de livros, entre outros.³

2 Temas dos Ciclos de Estudo: Tradição Mítica e Criatividade (1976), O Imaginário e a simbologia da Passagem (1977), Arte como Expressão Cultural (1985), Simbolismo nas Religiões (1986), Imaginário e Sexualidade (1987), Mulher: Imagens, Símbolos e Representações (1988), Representações dos Excluídos (1989), Imaginário e “Localismo Afetual” (1995), Imaginário e Complexidade (1996), Imaginário e Cibercultura (1998), Imaginário e Memória (2000), Imaginário do Terror (2002), Espaços Imaginários e Transculturalidade (2004), As dimensões imaginárias da natureza (2006), O imaginário do envolvimento/desenvolvimento (2008), Imaginário e as dinâmicas do segredo (2011). Os ciclos foram encerrados com a aposentadoria da professora Danielle Pitta.

3 Disponível em: <http://festivalmythos-logos.blogspot.com.br/> <https://www.facebook.com/festivalmythoslogos>

Para a Ana Tais a pesquisa se materializa em textos publicados em periódicos qualificados, capítulos de livros e livros, no Brasil e no exterior. Considera a socialização de seus resultados como também um seu produto; essa socialização, além de ser feita através das publicações mencionadas acima, se produz com a oferta de atividades e cursos de extensão universitária abertos à comunidade em geral.

Para o Alexandre Silva Nunes: espetáculos teatrais, processos criativos de construção cênica, livros, artigos. O grupo ÍMAN também organiza a realização anual dos Encontros Arcanos, constituídos por seminários de pesquisa, nos quais são aprofundadas as relações entre mito, imaginário e artes da cena (<http://encontrosarcanos.org>). Além dos Encontros Arcanos, há reuniões também anualmente nas Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – Abrace, com o grupo de pesquisa Mito, Imagem e Cena.

Para o Artur Simões Rozestraten, além dos vários artigos, comunicações em eventos científicos, pesquisa em nível de pós graduação, cabe destacar alguns produtos específicos de maior alcance. O primeiro é o ambiente colaborativo de imagens de arquitetura e espaços urbanos na Internet denominado Arquigrafia (www.arquigrafia.org.br). Em 2015 foi feita uma publicação impressa pela FAUUSP (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo) que documenta a trajetória de 5 anos desse projeto que prevê um crescimento contínuo de sua constelação de imagens com a colaboração de usuários particulares e usuários institucionais:

<https://issuu.com/diogoaugustopereira/docs/arquigrafia-entre2009-2014> .

Outro produto é a publicação Portadores/Porteurs – Imaginário e Arquitetura / Imaginaire et Architecture, foto-livro bilíngue editado pela Annablume em Outubro de 2015, que conta com prefácio de Jean-Jacques Wunenburger e é o catálogo de uma exposição de vídeos e fotografias homônima:

http://www.annablume.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=283:portadores&catid=6:site

Em março de 2016, em uma parceria entre docentes-pesquisadores da FAUUSP e docentes-pesquisadores da Universidade de Lyon, França, ligados ao IMU (Intelligences des Mondes Urbains) (<http://imu>.

universite-lyon.fr/), foi organizado o I Colóquio Internacional ICHT – Imaginário: Construir e Habitar a Terra – Cidades ‘Inteligentes’ e Poéticas Urbanas, (<http://www.fau.usp.br/icht2016>) encontro científico que produziu um conjunto significativo de reflexões originais sobre o tema e reuniu durante dois dias de debate pesquisadores de várias instituições nacionais e estrangeiras. A realização desse Colóquio que contou com o apoio de vários pesquisadores, instituições e agências de fomento, pode ser considerada um resultado coletivo dos esforços realizados em frentes de pesquisa dedicadas ao imaginário na FAUUSP.

A professora Elda Rizzo de Oliveira (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - SP, Departamento de Antropologia Política e Filosofia) “trabalha com a Antropologia do Imaginário, suas estruturas e trajetos antropológicos. Neste contexto, suas pesquisas discutem o reino das analogias e o dinamismo de religação das diferenças nas concepções de doenças e no campo simbólico da cura. Curas espíritas, pânico e cogito corporal e a condição humana”. www.corpoeimaginario.com.br. Também fez parte do comitê científico de vários Ciclos de Estudos sobre o Imaginário no Recife.

Em que consistem as equipes de pesquisa: Principalmente em professores, orientandos de graduação e pós-graduação, alunos; em alguns casos incluem profissionais, principalmente em Arte-Educação, comunicação e arquitetura. Algumas vezes a equipe, por ser formada por professores de várias universidades, funciona através de redes sociais.

Trabalhos e colegas que fazem atualmente parte das discussões sobre representações sociais e imaginário

Seguem os vários trabalhos, grupos e professores mencionados, exemplos:

Ana Tais Portanova Barros, na área da Comunicação, cita alguns grupos de pesquisa cujos líderes fazem uma discussão de modo mais sistemático em suas produções intelectuais: Malena Contrera, da UNIP/SP (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupos/2442908520917272>);

Florence Marie Dravet, da UCB/DF (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelho-grupo/9459977140001455>); Gustavo de Castro e Silva, da UNB/DF (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4385375276818571>); Juliana Tonin, da PUCR (http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf).

Alexandre Silva Nunes, (ÍMAN) Imagem, Mito e Imaginário nas Artes da Cena - Universidade Federal de Goiás, cita os principais gestores do grupo: Alexandre Silva Nunes (UFG), Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra (UERJ), Verônica Fabrini Machado Almeida (Unicamp) e Robson Carlos Haderchpek (UFRN). Esse grupo gestor costuma se reunir com mais frequência, comumente através de recursos de conexão digital via Skype.

Ana Laudelina, Grupo de Pesquisa “Myhtos-Logos, Religião Mito e Espiritualidade” (UFRN) dialoga com:

- a. no Brasil: Danielle Rocha Pitta (UFPE), Marly Bulcão (UERJ), Elyana Barbosa (UEFS; UFBA), Catarina Sant’Anna (UFBA), Constância Marcondes Cesar (UFS), José Ternes (UFG), Fábio Ferreira (UFGO), Ana Taís Portanova Barros (UFRGS), Victor Hugo Guimarães Rodrigues (FURG), Ailton Tavares (UFRN), Maria da Conceição de Almeida (UFRN), Alex Galeno de Araújo Dantas (UFRN), Josimey Costa (UFRN), Maurício Panella (UFRN), Ailton Siqueira (UERN), Elda Rizzo de Oliveira (UNESP), Edgard de Assis Carvalho (PUC-SP), Norma de Abreu Telles, Álvaro Pinheiro Gouveia, André Meyer Alves de Lima, Malena Contrera, Norval Baitello, Gustavo de Castro, Lisandro Lucas Moura, Francimar Arruda, Eduardo Portanova, Gustavo Barcellos, Célia Regina da Silva dos Santos e Reinaldo Silva dos Santos.
- b. do exterior: Jean-Jacques Wunenburger, Jean Libis, Edvaldo Souza Couto (UFBA), Antonia Torreão Herrera (UFBA), Alberto Filipe Araújo, Fernando P. Baptista, Bruno Duborgel, Maria Noel Lapoujade (UNAM), Edgar Morin, Carlo Vinti, Jean-Luc Pouliquen, Michel Maffesoli, Maryvonne Perrot, Jean-Philippe Pierron, Frédéric Worms, Michel-Elie Martin, Lutz Bauman, Jean-Claude Filloux, Francesca Bonicalzi, Chris Younès, Vincent

Bontemps, Jean-Hugues Barthélémy, Rodolphe Calin, Délia Popa, Ionel Buse, Marie-Pierre Lassus, Paolo Mottana, Christian Thiboutot, Matei Stircea-Craciun, Corin Braga, Julian Lamy, Stanilas de Courville, Paolo Bellini, Gilles Hieronimus, Aurosa Alison, Hyun-Sun Dang.

Artur Simões Rozestraten (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Departamento de Tecnologia) - RITE (Representações: Imaginário e Tecnologia), menciona na FAUUSP, as pesquisas realizadas pelo Laboratório Paisagem, Arte e Cultura (LabParc) <http://www.labparc.fau.usp.br/>, especialmente aquelas conduzidas pelo Prof. Dr. Vladimir Bartalini; as pesquisas realizadas pelo Prof. Dr. Luís Antônio Jorge à frente do Grupo de Pesquisa CNPQ – Representação dos Lugares na Cultura Brasileira. Ainda na FAUUSP há que mencionar a interlocução frequente com as pesquisas realizadas pelos colegas Vera Maria Pallamin, Marta Bogéa, Giselle Beiguelman e Alexandre Delijaicov. No IAUUSP (O Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), em São Carlos, há que se mencionar o Núcleo de Apoio a Pesquisa para os Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (NELAC) <http://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nelac/>, especialmente aquelas sob a orientação de David Sperling. Cabe mencionar ainda o grupo de pesquisadores articulados em torno do Seminário Representar e do Projeto de Investigação Architecturas-Imaginadas: Representação Gráfica Architectónica e ‘Outras-Imagens’, sediado desde 2009 no Centro de Investigação em Architectura, Urbanismo e Design da Faculdade de Architectura da Universidade de Lisboa, CIAUD/FA/UL, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Janeiro (UL) que congrega além de mim, os pesquisadores: Fernando Vázquez Ramos (USTJ), Eneida de Almeida (USTJ), Valéria Fialho (Senac), Myrna Nascimento (FAUUSP-Senac Ana Esteban Maluenda (ETSAM-Madrid).

POEIMA, Grupo de Pesquisa Poéticas e Imaginário, com a Profa. Dra. Enivalda Nunes Freitas e Souza tem encontros mensais de ciclos temáticos. O tema atual é “Bachelard e arte poética: estudos da obra de Gaston Bachelard” (março a dezembro/2016) com Profs. Drs. Andre Fabiano Voigt; Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro; Enivalda Nunes Freitas e Souza; Irlei Margarete Cruz Machado; José Benedito de

Almeida Júnior; Maria Lúcia Castilho Romera; Maria Zaira Turchi; Soraya Borges Costa; Daniela Nery Bracchi; Luciana Lopes Freire e Luciana Padilha Cardoso.

O Observatório transdisciplinar das religiões no Recife, com o Prof. Gilbraz Aragão, colabora para a construção do Museu Parque das Religiões de Pernambuco.

Ieda Tucherman (UFRJ) interage com o curso de Psicologia Social de Sergipe, com o professor Eduardo Leal, com a área de mídia e produções culturais da UFF, através do doutor Ericson Saint-Clair. E com a Universidade Nova de Lisboa, através dos professores José Bragança de Miranda e Maria Teresa Cruz.

O NusArq, Núcleo de Estudos da Subjetividade na Arquitetura - <http://nusarq.blogspot.com>. Equipe: Lúcia Leitão e Julieta Leite organiza o Ciclo de Conferências “Discutindo o Imaginário” (UFPE, de agosto a dezembro de 2014) e dialoga com os palestrantes: Antônio Paulo Rezende, Daniel de Souza Leão Vieira, Danielle Rocha Pitta, Eduardo Duarte, Fabio La Rocca, João Alberto Carvalho, Julieta Leite, Lúcia Leitão, Maria da Luz Correia, Tania da Rocha Pitta.

Em Juiz de Fora, Julvan Moreira de Oliveira tem diálogo com : Lúcia Maria Vaz Peres (Universidade Federal de Pelotas); Rogério de Almeida (Universidade de São Paulo) sobre a expressão do real: estética e hermenêutica das imagens. A ética plural da imaginação: uma abordagem antropológica do imaginário e da educação. O Imaginário Trágico de Machado de Assis: elementos para uma pedagogia da escola. São Paulo: Képos, 2015. O mito revivido: a mitanálise como método de investigação do imaginário. São Paulo: Képos, 2014. João de Deus Vieira Barros (Universidade Federal do Maranhão) “As contribuições da teoria do imaginário para o desenvolvimento curricular contemporâneo. As dimensões simbólicas e educativas do museu. Rosane Barbosa Marendino (Universidade Federal Fluminense). A base poética da mente: outras e possíveis linguagens no trabalho do psicólogo na escola. Adrienne Ogêda Guedes (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Narrativas Infantis: Imagens e Simbolismos. Educação infantil, formação e responsabilidade. Cuidado e Cultura: Propostas Curriculares para o trabalho com crianças de até três anos. Vânia de Fátima Noronha Alves (Pontifícia Universidade Católica

de Minas Gerais). Políticas públicas de Ocio y Recreación: investigando la temática en el contexto de cinco maestrías latinoamericanas. Educação, conhecimento, cultura e sociedade. Andréia Lisboa de Sousa (University of Texas at Austin). O Imaginário do leitor: exercício de leitura com alunas/os de escola pública. Nas Tramas das Imagens: Um Olhar sobre o Imaginário da/sobre a personagem negra na literatura infantil e juvenil. Carolina dos Santos Bezerra-Perez (Colégio de Aplicação João XXIII da UFJF). Saravá Jongueiro Velho: Memória e Ancestralidade no Jongo do Tamandaré. Interfaces das Africanidades em Educação nas Minas Gerais. O imaginário sobre o negro no espaço escolar: das imagens da angústia à força da ancestralidade africana, trilhando caminhos na construção de uma Educação para as Relações Etnicoraciais. Cláudia Maria Ribeiro (Universidade Federal de Lavras, UFLA). Museu Imaginário das Águas, Gênero e Sexualidade. Iduína Mont'Alverne Chaves (Universidade Federal Fluminense). Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. Acolhendo o diálogo entre Letramento e Literatura Infantil. Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa (USP). Narrativas Infantis: Imagens e Simbolismos. Sueli Aparecida Itman Monteiro (UNESP). Corpo e Escola: o 'cuidado de si' como 'atitude moderna'. A dança como expressão do imaginário. O Anime - Antropologia, Imaginário e Educação. Constan também os pesquisadores: Antonio Ferreira da Silva Júnior (CEFET/RJ), César Augusto Martins de Souza (UFPA), Cláudia Paulino de Lanis Patricio (UFES), Dayenny Neves Miranda (IFNI), Debora Ribeiro Lopes Zoletti (UFRRJ), Gema Areta Marigó (Universidad de Sevilla), Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (UERJ), Mariluci da Cunha Guberman (UFRJ), Ximena Antonia Díaz Merino (UFRRJ).

Mario de Farias Carvalho (UFPE-Caruaru) dialoga com a Profa. Danielle Pitta: parcerias com o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário e a Associação Ylê Setí do Imaginário, sob sua coordenação; Prof. Dra. Allene Lage, Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina; Prof. Dra. Maria Teresa Lopes, Grupo de Estudos em Formação do olhar. Prof. Dr. Ricardo Nogueira de Castro Monteiro (Universidade Anhembi Morumbi), estabelecendo-se inúmeras

interlocuções com colaboradores internacionais, tais com os Professores Antônio Dias Farinha e Eva-Maria von Kemnitz, entre outros.

Profa. Maria Zaira Turchi, com trabalhos sobre literatura e imaginário na UFG, tem por interlocutores Corin Braga, Wunenburger, Danielle Perin entre outros.

Para Valéria Cristina Pereira da Silva, destaca-se o trabalho de professores como Marcos Ferreira Santos sobre *mitohermenêutica* interpretativa em cidades históricas, sobre o crepuscular e o sensível; Miguel Almir sobre educação e sensibilidade; João Paes Loureiro sobre o mito; Gloria Kirinus sobre o mitopoético e a discussão dos *maradigmas*, bem como os *synthomas* de poesia na infância —título de um dos seus livros—; Francimar Arruda sobre filosofia e imaginário; Maria Aparecida Nogueira sobre imaginário da cidade; Maria Thereza de Queiroz Guimarães Strongoli com desdobramentos da teoria durandiana e a proposta de um regime de imagens crepuscular; Ana Tais Martins Portanova Barros com estudos da imagem e a fotografia vista pela teoria bachelardiana; Catarina Sant’Anna com estudos de G. Bachelard. Destaca também a contribuição, ainda, do professor e pesquisador Jean-Jacques Wunenburger que colaborou muito para a formação da rede internacional dos estudos do imaginário. Menciona a contribuição sem par da prof. Dra. Danielle Pitta e a sua produção neste processo. Colegas mais próximos nos Ciclos do Imaginário no Recife: a arquiteta Tania da Rocha Pitta, Representações Imaginárias da Natureza em 2012; o pesquisador Givaldo Ferreira Corcinio Junior, que investiga o tema dos imaginários religiosos. Com esses pesquisadores, inclusive, continua compartilhando projetos. Participa da Rede Kino – Rede Latino Americana de Educação, Cinema e Audiovisual, onde o GEPEIS é um grupo que enfoca a discussão sobre cinema e educação a partir do referencial do imaginário. Também trabalhada com a prof. Inês Assunção de Castro Teixeira com pesquisas em rede sobre cinema na vida e no trabalho dos professores com a perspectiva (auto) biográfica. Pela narrativa (auto)biográfica avalia ter uma aproximação e um acesso dos imaginários docentes. Na organização de eventos, tem convivido e trabalhado, através da relação com o prof. Alberto Felipe Araújo da Universidade de Braga, Portugal. Tem também participado

em bancas da prof. Graciela Ormezzano, da Universidade de Passo Fundo sobre relacionamento entre o imaginário e a educação estética.

O que se pode ressaltar nestes resultados, é que a rede brasileira de estudos sobre imaginário e representações sociais é extensa, diz respeito a todos os Estados do Brasil, é interligada de várias maneiras e extremamente dinâmica cobrindo variados campos de conhecimento. A produção é tão grande que não caberia nestas poucas páginas — somente uma parte foi aqui relacionada—. Outro aspecto é que teorias e métodos em sua grande maioria dizem respeito à obra de Gilbert Durand. Por este motivo os aspectos epistemológicos a seguir estarão nela centrados. O arcabouço teórico formado pelos autores citados vai nesta mesma direção.

Brasil [...] país cuja cultura é um imenso sincretismo acolhedor, com um catolicismo aberto às divindades Ioruba ou banto, jesuítas como o famoso Padre Antônio Vieira, ou militares como o Coronel Rondon, protegendo as culturas índias, enfim, uma cultura que respeita todas as contribuições, desde o positivismo de Comte ao espiritismo de Kardec, passando pelo budismo, pelas igrejas pentecostais, pelos “filhos de Gandhi” [...] Brasil, pátria de Todos os Santos. (G. Durand).

Considerando o fato do Imaginário encontrar-se subjacente ao modo de ser e de agir dos indivíduos e das culturas, considera-se aqui que é através do seu estudo que se pode chegar à compreensão do dinamismo que regula a vida social e suas manifestações culturais. As representações sociais, pelo conteúdo simbólico que veiculam, fazem parte do imaginário. A atualidade do seu estudo decorre de descobertas, no século passado, das diversas ciências —Física, Geometria e Matemática entre outras— e da epistemologia destas ciências: G. Durand resalta a proximidade de certos conceitos por elas utilizados e aqueles da antropologia, como o “boot/strap” de G. Chew, a “implicação” de D. Bohm, a “participação” de J. A. Wheeler, de “não-separatividade” de B. d’Espagnat, de “objetos pontuais” de J. E. Charon. Esta proximidade de conceitos faz o autor observar que: “Não é pois estranho ver certos físicos considerarem que os modelos imaginários de certos

saberes tradicionais —*Unus Mundus* hermetista, dualidade taoista— são mais adequados que os modelos distribuídos pelas metáforas do terceiro-excluído (Niels Bohr, 1929; F. Capra, 1980; Mitsuo Ishikawa, 1983)” (G. Durand, p. 128). Trata-se pois, a partir dos novos conceitos vigentes nas diversas ciências, de uma proposta de instauração de um novo paradigma condizente com o estado atual do conhecimento.

Para a antropologia é básico considerar a relação cultura/imaginário. O conceito de cultura proposto por Muniz Sodré: “Cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano” (Sodré, p. 10), reagrupa diversas dimensões da cultura estudadas por G. Durand como: o papel seletivo da cultura em relação às possibilidades “polimorfos” do indivíduo; a tradução específica, a nível simbólico, dos arquétipos universais; a imagem como motivada pelos costumes e pelas pressões sociais.

A noção do “trajeto antropológico” (G. Durand) torna-se pois imprescindível para o conhecimento em profundidade de uma cultura pois: “a imagem só se torna real e concreta no interior de um campo significativo”, “a cultura comunica” (E. Leach), ela é “um fenômeno discursivo” (M. Sodré), e ainda, esta comunicação é essencialmente simbólica (E. Cassirer). Por outro lado, a expressão da cultura, se faz através dos sistemas simbólicos presentes tanto na matemática, na linguagem, na organização econômica etc., quanto nas obras de arte, na mitologia, na religião. A apreensão das estruturas antropológicas do Imaginário é que vai permitir delinear o “trajeto antropológico” de uma cultura específica, ou seja, sua dinâmica, e compreender a articulação básica existente entre os diversos sistemas simbólicos.

A ciência do Imaginário, criticando toda hermenêutica “reduzora”, vai propor então uma metodologia específica, baseada em novos paradigmas, com propostas, a partir de uma hermenêutica “instauradora”, de uma “convergência” das hermenêuticas (G. Durand). A presença dos elementos comuns a diversas abordagens das ciências sociais, partindo de ângulos de visão distintos como, no caso, da cultura, do símbolo, da comunicação, encontra-se na teoria de G. Durand, de maneira

que a sua complementaridade seja fonte de esclarecimento de um pelo outro.

Um dos problemas para se desenvolver pesquisas neste campo epistemológico, é o do vocabulário muitas vezes impreciso. A noção de Imaginário, ao longo dos tempos, sofreu numerosas modificações de sentido. G. Durand retoma este histórico com o intuito de estabelecer um vocabulário comum a todas as propostas. Baseado principalmente nas obras de Gaston Bachelard —de quem foi aluno— e C. G. Jung, e no material colhido em numerosas culturas —mitologias, artes plásticas, literatura—, G. Durand publica em 1960, a sua tese sobre “as estruturas antropológicas do imaginário” que, de início, pretendia ser “um modesto repertório inventariado e classificado dos dinamismos imaginários”.

Bachelard tem o grande mérito de ter reabilitado a poesia como meio de conhecimento; poesia que é do domínio do simbólico, do sensível, do subjetivo: “Tudo o que pode esperar a filosofia, é tornar a poesia e a ciência complementares, é uni-las como dois contrários bem feitos” (Bachelard, p. 2). “Bachelard, tendo mostrado que a razão aplicada realmente à ciência desemboca sobre o pluralismo múltiplo em postulados e em experimentações, vai descobrir agora que o imaginário, muito longe de se pulverizar em todos os possíveis da fantasia delirante, vai se fechar ao contrário sobre alguns grandes temas, algumas grandes imagens que constituem para o homem, através das flutuações inesgotáveis das suas técnicas, a perenidade segura da espécie homo sapiens” (G. Durand, p. 21). Em sua proposta de “um novo espírito científico”, Bachelard orienta a ciência para uma mudança de paradigma, propondo uma epistemologia não só cartesiana, enveredando pela fenomenologia.

Jung, por sua vez, observa nos relatos de sonhos dos seus pacientes similitudes com relatos míticos pertencentes a outras culturas, o que lhe serve de base para a elaboração do conceito de arquétipo, e de inconsciente coletivo. É a partir da fenomenologia de imaginação de Bachelard e da psicologia da profundidade de Jung, entre outras bases teóricas, que G. Durand constrói a sua própria teoria. A sistematização de estudos sobre o simbolismo, com este embasamento teórico está na origem de numerosos grupos de estudo no Brasil e em diversos países.

Para o autor, o Imaginário pode ser definido das formas seguintes: “O Imaginário...isto é, o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do ‘homo sapiens’ - nos aparece como o grande denominador fundamental onde veem se arrumar — ranger— todos os procedimentos do espírito humano” (G. Durand, p. 12). Ou ainda, “entende-se por ‘imaginário’, tanto o museu de todas as imagens passadas ou possíveis quanto os procedimentos, mentais como materiais, de produzir imagens”. “O imaginário [...] é a norma fundamental [...] perto da qual a contínua flutuação do progresso científico aparece como um fenômeno anódino e sem significado” (G. Durand, p. 13). “Entre a assimilação pura do reflexo e a adaptação limite da consciência à objetividade, constatamos que o imaginário constituía a essência do espírito, isto é o esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte” (G. Durand, p. 499). “Para poder falar com competência do Imaginário não se deve confiar nas exiguidades e nos caprichos da sua própria imaginação, mas possuir um repertório quase exaustivo do Imaginário normal e patológico em todas as camadas culturais que nos propõem a história, as mitologias, a etnologia, a linguística e as literaturas” (G. Durand, p. 15).

Nesta perspectiva, três paradigmas caros aos positivistas vão ser questionados: o evolucionismo, a objetividade, a causalidade. As teorias evolucionistas, pressupondo a existência de um tempo linear, deixaram entender que as culturas passavam por fases sucessivas de “civilização” para chegarem a um mesmo nível de desenvolvimento, que seria o do homem ocidental atual. Estas teorias, tão úteis para justificar as colonizações, não têm como resistir a qualquer confrontação com a diversidade das culturas existentes que apresentam diferenças básicas quanto a suas visões do universo. “Os belos trabalhos de Leroi-Gourhan e os de Jean Servier mostram bem, seja este último que o evolucionismo, e com mais forte razão os historicismos, são mitos produzidos pelo homem e não produzindo o homem, seja para o paleontólogo para quem a evolução é um fenômeno muito lento, utilizando uma duração ainda mais longa do que aquela que o historiador Fernand Braudel chama de ‘longa duração histórica’, um tempo na escala geológica onde a espécie humana - desde Cro-Magnon, isto é antes de ontem

- não se mexeu” (G. Durand, p. 22). O autor continua mostrando que as diversas ciências humanas deixaram claro que “os mesmos desejos, as mesmas estruturas afetivas, as mesmas imagens se repercutem no espaço como no tempo de uma ponta à outra da humanidade” (G. Durand, *ibid.*). Desde Aristóteles, o saber ocidental tinha por bases a “experiência perceptiva e o raciocínio de tipo silogístico primeiro e matemático depois” (G. Durand, p. 19). Auguste Comte, com a lei dos três estados, constrói ele próprio um mito segundo o qual haveria um progresso da humanidade como um todo.

Quanto à objetividade, as pesquisas em física, a teoria dos quantas, a holografia, mostram bem que o observador modifica obrigatoriamente o meio que observa, mesmo quando este meio é físico. “Mais do que a subversão trazida pelo abandono da cosmologia de Ptolomeu, é o ‘método’ da objetividade científica - instaurado por Galileu e sua escola - que vai reforçar o grande mito da indiferença e da separação do cosmos e do homem” (G. Durand, p. 29). Objetividade, racionalidade, sistema binário de pensamento, formam um conjunto e se, em determinado contexto, são úteis, quando se trata de estudos aprofundados, devem ser ultrapassados.

Quanto à causalidade, é a própria física quem vem abalar o conceito. Niels Bohr (1885-1962), que tem um papel fundamental no desenvolvimento da física quântica escreve: “A interação finita entre o objeto e os instrumentos de medida, consequência imediata do quantum de ação, leva - porque é impossível controlar a reação do objeto sobre os aparelhos - à necessidade de renunciar definitivamente ao ideal clássico de causalidade e de modificar de ponta a ponta nossa atitude com respeito ao problema da realidade física”. (Bohr, p. 84) O que leva o físico a “contentar-se com as leis da probabilidade” e o “argumento de correspondência” (Bohr, p. 237). “Não existe corte entre o racional e o imaginário, o racional não sendo, entre muitas outras coisas, senão uma estrutura polarizante específica do campo das imagens” (Bohr, p. 153).

Quanto ao vocabulário comum aos estudos sobre imaginário, deve-se ressaltar o significado dos principais termos utilizados pelo autor. Scheme: é anterior à imagem, corresponde a uma tendência geral dos gestos, leva em conta as emoções e as afeições. Ele faz a junção entre

os gestos inconscientes e as representações. Exemplos: à verticalidade da postura humana, correspondem dois schemes: o da ascensão e o da divisão —visual ou manual—; ao gesto de deglutição, correspondem os schemes da descida —percurso interior dos alimentos— e do aconchego na intimidade —o primeiro alimento do ser humano sendo o leite materno, a amamentação—. O Arquétipo: é a representação dos schemes. Imagem primeira de caráter coletivo e inato; é o estado preliminar, zona matricial da ideia (Jung). Ele constitui o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. Exemplos: o scheme da subida vai ser representado pelos arquétipos —imagens universais— do chefe, do alto; o scheme do aconchego, por aqueles da mãe, do colo, do alimento. O Símbolo: “é todo signo concreto evocando, por uma relação natural, algo ausente ou impossível de ser percebido”. É uma representação que faz “aparecer” um sentido secreto. “É a epifania de um mistério”. Os símbolos estão presentes nos rituais, nos mitos, na literatura, nas artes plásticas, nas ciências ditas exatas...e na vivência do cotidiano.

Duas hipóteses centrais orientam a metodologia elaborada por G. Durand (p. 84):

1. “não existe corte entre os cenários significativos das antigas mitologias e o agenciamento moderno dos relatos culturais: literatura, belas artes, ideologias e histórias; [...] hipótese da existência de uma continuidade entre o imaginário mítico e a positividade histórica”;
2. “os comportamentos concretos dos homens, e mais precisamente o comportamento histórico, repetem com timidez [...] os cenários e as situações dramáticas dos grandes mitos”.

É desta forma que “às figuras míticas respondem os semblantes da obra”. “[...] em todas as épocas, em todas as sociedades existem subjacentes mitos que orientam, que modulam o curso do homem, da sociedade e da história” (G. Durand).

Um caso específico pode ilustrar estas hipóteses. Numerosos são os autores que demonstram o quanto o Brasil é essencialmente caracterizado por um espírito barroco, pela diversidade de culturas em interação cotidiana e acelerada. Para entendê-lo, é pois necessário afastar-se

das lógicas dicotômicas, objetividade e outras determinações do positivismo ou até mesmo do estruturalismo. Consideramos aqui que através da expressão simbólica, e da sua abordagem principalmente através das teorias e dos métodos de Gilbert Durand, é possível ter alguma compreensão aprofundada desta diversidade da cultura brasileira e de sua extraordinária dinâmica, características também da pós-modernidade em geral.

Tenho relacionado, em outras oportunidades, as características do *ethos* brasileiro condizentes, a meu ver, com a receptividade das novas perspectivas, do “novo espírito antropológico”, propostos por Gilbert Durand: a complexidade parece ser o elemento fundamental deste *ethos*: diversidade da formação étnica não só no que diz respeito às diversas culturas em presença, mas à maneira original como cada Estado do Brasil construiu seu sincretismo próprio; diversidade de trajetórias históricas de um Estado para outro; diversidade da organização econômica de cada um. A Dinâmica: uma organização política em que os personagens transitam de um partido para outro, em que os próprios partidos frequentemente mudam de alianças, em que os ministérios são renovados o tempo todo; uma organização econômica na qual, durante décadas uma inflação galopante impedia qualquer projeto individual a longo prazo; na qual nunca se sabe quais serão os direitos do cidadão —aposentadoria, dedução de impostos— amanhã; em que o nome e o valor da moeda está em constante mudança, etc.. Estas características justificariam a predominância da utilização de teorias e métodos ligados a G. Durand. Muitas já foram as constatações de que os conceitos clássicos das Ciências Humanas não eram adequados à realidade brasileira, dando espaço aos novos paradigmas. E consequentemente dando espaço a novas metodologias como a *mitodologia* compreendendo a mitocrítica, a mitanálise, e as suas aplicações variadas, as derivações do AT-9 de Yves Durand, etc.. Diz Sanchez Teixeira: “o imaginário é um ‘lugar de entre-saberes’, como diz Durand (1998), e não propriamente uma disciplina. Porque, se o imaginário é uma rede de todas as imagens que estruturam os modos de viver junto e de sonhar, só pode ser explorado através de todos os domínios do saber. Daí situar-se a epistemologia durandiana no

cruzamento da multiplicidade das disciplinas e das culturas (Xiberras, 2002)” (Sanchez, p. 121).

Certamente, nos dias de hoje nenhum estudo pode ser feito de maneira satisfatória somente através de teorias e métodos que foram adequados à modernidade. A nosso ver, só as teorias emergentes, levando em conta a complexidade, o mundo fragmentado, a lógica do terceiro incluído, as novas tribos (Maffesoli), enfim, as teorias que abordam de uma maneira ou outra esta função psíquica que é o Imaginar, podem dar conta do recado. Esta nova hermenêutica parece urgentíssima, pois com a aceleração da capacidade tecnológica, em breve, sem uma nova elaboração dos dados, a compreensão poderá estar totalmente ultrapassada.

Para Elda Rizzo de Oliveira:

A Antropologia do Imaginário possibilita uma exegese da alma humana na medida em que constitui uma resposta à angústia da morte, por meio de uma criatividade que amplia o sentido de existência do ser humano. Busca identificar o símbolo como uma ponte que faz a mediação entre o que se ouve e as imagens que se formam. Os fundamentos neurobiológicos matriciais atuantes na corporeidade mobilizam as redes neurais e a estrutura de alma predominante de cada um de nós —heróica, mística ou dramática—, com os seus respectivos reflexos dominantes —verticalização, interiorização, ritimização—. Este conjunto nos traz indicações dos conflitos e confluências entre imagens —isotopismo das imagens— que engendram realidades de sofrimentos e de doenças. Já que o corpo todo participa da formação do símbolo, por meio do trajeto antropológico como operador cognitivo conjugado aos schemes —em seu trabalho de separar, confundir e ligar— é possível compreender a mobilização dos processos instaurativos da rede neural e do conjunto de imagens e de símbolos que atuam na corporeidade e no cogito corporal de cada um. Os reflexos das imagens podem se instalar em órgãos do corpo humano, dependendo dos impactos que eles produzam. Exemplos: uma pedagogia cristã centrada no Cristo crucificado pode mobilizar também, pela enantiodromia, as imagens do deus Pã, ativo

e libidinoso. As imagens do bestiário animal —Ogro, canídeos—, estes mediadores entre o mundo arquetípico e o mundo sensível, podem ter reflexos na garganta e engendrar a depressão, disparar a deglutição ou a copulação; reflexos de imagens do Apocalipse atuando na suprarrenal podem engendrar o pânico, como a força da vida querendo irromper pela via deste *pathos*, com as suas várias sequências de morte-renascimento. A busca excessiva por saúde pode também engendrar doenças, ou mesmo a cancerofobia. Os graus de tensão existentes entre as imagens que atuam no mitema do Protestantismo —quem se salvará?— podem abrir o conjunto de imagens que foram operantes no Holocausto. Neste sentido, é possível realizar uma hermenêutica da fragmentação da alma humana e recompor os seus vários níveis de sentido quando compreendemos que os arquétipos se vinculam ao dinamismo das imagens em temas, enredos, cenários e processos com suas respectivas variações culturais.⁴

O estudo do imaginário, concebido como função psíquica e como “capital pensado” da humanidade, permite, pois, abordar a atualidade em suas dimensões específicas. As diversas ciências deste século juntaram-se para formar esta nova ciência que é a do imaginário. Para tanto, são propostos novos paradigmas tais como a alogia, o trajeto antropológico, dando conta de uma cibercultura caracterizada pela fractalidade, pela complexidade dinâmica. Assim metodologias diversas têm se desenvolvido e foram adaptadas à realidade brasileira, como a mitocrítica, a mitanálise e o AT-9 —Arquétipo-teste de 9 elementos— com suas derivações.

A alogia diz respeito à lógica específica do mito. G. Durand (1994) faz alusão à desconfiança quase religiosa provocada pela diferença entre a lógica clássica e a alogia do mito. Mostra como Bachelard, criando a noção de “pluralismo coerente”, propõe um transtorno epistemológico para todas as ciências. Estes novos paradigmas conduzem à compreensão própria ao mito através do princípio de redundância simbólica,

4 Trecho escrito especialmente para este capítulo.

pois “o mito não raciocina nem descreve: ele procura convencer repetindo uma relação através de todas as suas nuances [...] possíveis. A contrapartida desta particularidade, é que cada mitema - ou cada ato ritual - é portador da mesma verdade que a totalidade do mito ou do rito. Ele se comporta à maneira de um holograma (E. Morin) onde cada fragmento, cada parte, contém a totalidade do objeto” (G. Durand, p. 52). Esta linguagem simbólica é a que se encontra no cotidiano das ruas, das casas, das instituições.⁵

A fractalidade (Benoit Mandelbrot), caracteriza uma série de formas e padrões, que foram surgindo na matemática. Mandelbrot percebeu que todos possuíam algumas características comuns e que havia uma relação entre estes objetos e aqueles encontrados na natureza.

Quanto ao “trajeto antropológico”: este se torna uma maneira adequada de abordar a dimensão dinâmica —cada vez mais dinâmica— das sociedades. Através desta noção, o sociocultural não é mais visto como um objeto estático —como na proposta clássica do estruturalismo—, mas como um “incessante intercâmbio” entre os elementos objetivos e subjetivos, entre todos os elementos componentes da vivência. O que interessa ao pesquisador, a partir de agora, não é somente o objeto em si, não são somente as relações que este objeto estabelece com os outros, mas é a teia dinâmica na qual ele se insere. Esta teia dinâmica não pode ser observada somente pelos meios clássicos de investigação, mas também pelo estudo dos mitos diretores subjacentes a todo relato, através das redundâncias observáveis nos vários campos do sociocultural —cotidiano, literatura, religiões, filosofias, artes—. Nesta perspectiva, é da tensão entre os polos —heroico e místico— que nasce a dinâmica social.

É utilizando estes métodos que Gilbert Durand observa que: “o imaginário português se caracteriza em parte por mitologemas heroicos como: o herói fundador, a audácia do conquistador, a do salvador oculto, ‘o rei que espera, escondido, a hora do regresso’, a transsubstanciação, o da transformação milagrosa de um objeto em outro. Esta

5 A este respeito a tese de Katiane Nobrega sobre “lógica paraconsistente e imaginário” UFPE.

visão de mundo, em grande parte heroica, quando chega ao Brasil, ao contato dos povos indígenas com a sensualidade das suas mulheres e da natureza exuberante, se transforma e se feminiza. Tendência que se aprofunda com a chegada dos escravos cujas culturas valorizam o feminino e a natureza, trazendo elementos que vêm se somar à tendência de transformação já iniciada. Esta feminização entretanto é múltipla já que oriunda de culturas diversas, o que pode ser observado a nível mítico, na expressão dos grandes arquétipos vivenciados na vida cotidiana atual.

“O âmago da alma brasileira é esta mística terrena, esta imensa natureza feminizada, simultaneamente encarnada na mãe negra, na destemida amazona, na amante mulata e na nobre companheira de tez ‘clara’” (Campos do Imaginário, p. 54)

Não resta dúvida que o mundo atual criou outra linguagem, seja a nível do cotidiano em que a linguagem ingênua —na qual um gato era um gato— desapareceu com o advento da pós-modernidade e suas tecnologias, seja a nível da linguagem científica com estas novas noções.⁶ Sincronias, pois. De onde a multiplicação dos grupos de estudo do imaginário pelo mundo afora e principalmente pelo Brasil.⁷ Isto nas várias áreas de conhecimento. Para ilustrar segue a exposição de alguns dos 70 grupos, por área institucional de conhecimento, sabendo-se que na verdade todos são interdisciplinares.

6 Exemplos de teses defendidas na França, sobre o Brasil, nesta perspectiva: *Promenades Imaginales dans le Creux de Villes Contemporaines. De l'imprévisible subversion de la beauté de la forme: Noto – Belleville – Morro da Conceição*. Tese de doutorado de Tania Pitta (Sorbonne 2007). *Les correspondances esthétiques entre la France et le Brésil d'après le baroque. Les créations de Christian Lacroix et de Rosa Magalhães*. Mario Carvalho, tese de doutorado (Sorbonne 2008).

7 No dia de hoje, 16/3/2016, são 71 grupos registrados no CNPQ, cobrindo a maioria dos Estados do Brasil. A lista dos grupos em anexo. Dados de 2005 recolhidos por Sanches Teixeira contabilizam 36 grupos: “Voltando aos grupos de pesquisa, vemos que eles se espalham, atualmente, por 13 estados brasileiros, concentrando-se, porém, nas regiões sudeste e sul, onde se localizam 25 grupos, correspondendo a aproximadamente 70%” in *Ritmos do Imaginário* (p. 117).

Centrados mais profundamente em Antropologia tem-se estudos comparados de grupos culturais desde 1973 pelo Centro de Pesquisas sobre o Imaginário (FUNDAJ/UFPE), hoje Núcleo, por exemplo entre as culturas Fulni-ô, Afro-brasileiras, do nordeste e sul do Brasil; arte como expressão cultural;⁸ imaginário da 3a idade —encabeçados por Altair Macedo Lahud Loureiro - Brasília—, discurso político, dimensões culturais presentes no discurso do PT (Rosalira dos Santos Oliveira), por exemplo; medicina e cultura —imaginário dos doadores de rins, das dimensões culturais no tratamento do câncer bucomaxilofacial—, no jogo de RPG.

Os mais relacionados com educação, e são os mais numerosos, tratam das “mediações simbólicas” em organizações educativas (Revista de Educação Pública, 1994), e tiveram início graças ao trabalho pioneiro do CICE da USP com José Carlos de Paula Carvalho e Maria Cecília Sanchez Teixeira principalmente; tem atualmente o Lab-Arte, FEUSP, sob a coordenação dos professores Marcos Ferreira Santos e Rogério de Almeida: “laboratório didático, diretório de pesquisa em pós-graduação e atividade permanente de cultura & extensão da FEUSP criado em 2004 por iniciativa das alunas e alunos de Pedagogia para tentar suprir uma importante lacuna nos itinerários de formação de educadores —cursos de licenciaturas, pedagogia e comunidade— com forte lastro teórico, mas a partir de experimentações e vivências nas várias linguagens artísticas, numa perspectiva antropológica, em mais de uma dezena de núcleos experimentais, levando em conta a diversidade cultural, étnica e artística, exercitando a auto-formação. No campo das pesquisas sobre imaginário e mitologia dá continuidade aos trabalhos do CICE”.

Há também o Kawé tratando da dimensão pedagógica nos cultos afro-brasileiros (Ruy Povoas, Consuelo Oliveira Santos, UESC na Bahia)⁹ que mesmo não trabalhando especificamente com o imaginário, trata

8 Os temas dos Ciclos de Estudo de Recife <http://www.yle-seti-imaginario.org/home/artigo/Historico/34>

9 Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais Kàwé: http://www.uesc.br/nucleos/kawe/index.php?item=conteudo_apresentacao.php

das representações sociais a partir de Bachelard e G. Durand: “As questões sobre o negro e sua cultura abarcam uma ampla compreensão e uma análise mais detalhada da dinâmica do viver e do fazer de grupos afrodescendentes, em torno de ações, atividades e projetos integrados de pesquisa e de extensão, visando contribuir para (re)significar o lugar que esta problemática ocupa na constituição dos saberes da Região de abrangência da UESC. Por isso, como desafio, torna-se necessário compreender o legado africano na Região Sul da Bahia, através das múltiplas expressões, espaços e ciclos etários, para revelar a face afrodescendente dessa Região; discutir a inserção de questões ligadas ao conhecimento afro-descendente no currículo de Educação das séries básicas; resgatar a memória de espaços de resistência da cultura de origem africana existentes na Região, para redefinir a matriz da cultura regional; promover a divulgação do saber e do conhecimento de comunidades de afrodescendentes, contribuindo para a integração de saberes; possibilitar a aproximação universidade/comunidades afrodescendentes para romper a dicotomia avassaladora entre diferentes segmentos socioculturais”.

Há o LISE (Laboratório do Imaginário Social e Educação – da UFRJ) coordenado pela Prof. Nyrma Souza Nunes de Azevedo : “o Laboratório do Imaginário Social e Educação é um espaço destinado à realização de pesquisas, estudos e seminários buscando sistematizar a relação entre Educação e Imaginário, em suas múltiplas possibilidades de articulação, o LISE se organiza em núcleos temáticos de pesquisa, estando atualmente com duas linhas: Imaginário, cultura e educação e Imaginário e subjetividade”.

Há o grupo de João de Deus Vieira Barros da UFMA¹⁰ que organiza os Seminários Arte e Imaginário na Educação.

O grupo Cultura, Imaginário, Memória, Narrativa e Educação, CIMNE, é coordenado pela professora Iduína Mont’Alverne Chaves, UFF e discute os rumos e diretrizes dos estudos na área, proporciona trocas de experiências entre pesquisadores no Brasil e no exterior e

10 Disponível em: <http://arteculturaeimaginario.blogspot.com.br>

estimula a busca de novos referenciais, como é o caso das relações entre cultura, imaginário e educação.

Em História: o estudo da bacia semântica ligada à inquisição (Tese de doutorado de Carlos André Cavalcanti, UFPB).¹¹ Importante trabalho realizado pelo Departamento de Ciências das Religiões (UFPB) com o grupo Videlicet - Religiões, de Estudos em Intolerância, Diversidade e Imaginário. O Grupo foi fundado no dia 8 de dezembro de 2006, com objetivos bem definidos no campo do conhecimento:

1. Analisar a História da Intolerância Religiosa e a historiografia sobre o tema. Nesta linha, o Grupo tem atividades no apoio à formação dos estudantes universitários, pesquisadores e professores do Estudo das Religiões —“Ensino Religioso”— em temas do Imaginário, da Religiosidade, do Sagrado relacionados à Intolerância Religiosa.
2. Como atividade permanente, tem o Programa de Leituras no Grupo de Leituras e Estudos para textos com temas plurais do Campo do Imaginário e dos estudos sobre intolerância para graduandos pesquisadores, professores, mestrandos e doutorandos.
3. Pesquisadores do Videlicet atuam no campo das Teorias e Métodos das Ciências das Religiões, tendo em vista, inclusive, os novos paradigmas da ciência. Tal atuação ocorre em cursos e orientações de estudos e pesquisas. —Áreas: Ciências das Religiões, Ciências Humanas e Ciências da Saúde—. Os principais métodos das Estruturas do Imaginário são: Mitocrítica, Mitanálise e Teste AT-9.
4. Atuando principalmente com a Teoria das Estruturas Antropológicas do Imaginário, de Gilbert Durand, aceita e orienta também trabalhos de outras correntes teóricas das áreas de Psicologia Social, Religiões e Humanidades. A Revista Videlicet,

11 Cavalcanti, C. A.: Doutorado em História (Conceito Capes 4). Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Título: O Imaginário da Inquisição: Desmitologização de Valores no Tribunal do Santo Ofício, no Direito Inquisitorial e nas Narrativas do Medo de Bruxa (Portugal e Brasil, 1536-1821), Ano de obtenção: 2001.

que será publicada na web, refletirá esta orientação. Atuação na Academia e na Sociedade: Nascido na vida universitária, o Videlicet tem apoio e parceiros na Sociedade Civil, preservando e aperfeiçoando os objetivos acima. A sua publicação teórica mais importante até aqui é “O que é o Imaginário? Um olhar biopsiossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand” (Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, 2016), de Carlos André e Ana Paula Cavalcanti. A apresentação do livro é do Prof. Alberto Filipe Araújo, da Universidade do Minho (UNMINHO, Portugal). O Grupo já realizou 4 (quatro) Congressos Internacionais. Em todos, o Imaginário foi central na temática de GTS e conferências, com a participação de Jean-Jacques Wunenburger, Danielle Pitta, Alberto Filipe Araújo, Rosalira Oliveira e muitos outros. O próximo Congresso será em 2017 em João Pessoa, na UFPB.

Em Literatura: presenças importantes de Maria Teresa Strôngoli (PUC-SP) e de Sebastien Joachim (UPB). Atualmente o Núcleo de Pesquisa NELIM, Núcleo de Ecolinguística e Imaginário coordenado por Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto se destaca. Maria Thereza de Queiroz Guimarães Strôngoli criou e coordenou no Programa de Estudos Pós-Graduados de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991-2006), o Núcleo de Pesquisas: Língua, Imaginário e Narratividade, credenciado no CNPQ (de 1995 a 2006). Torna-se vice-líder ao transferir os planos e objetivos desse núcleo para o curso de Letras da Universidade Federal de Goiás, onde passou a ser denominado, mais recentemente e sob a direção da professora Elza Kioko, Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário, cujo objetivo busca dar continuidade a ciclos de pesquisas que ampliem continuamente o conhecimento do imaginário nas diversas formas de comunicação. Os trabalhos têm envolvido alunos da graduação e estudo de línguas, literatura e formas de comunicação, assim como pesquisas de pós-graduados em mestrado ou doutorado nessas áreas. Alguns estudos foram publicados em anais, revistas e livros em português, inglês, francês, espanhol e romeno, conforme informações fornecidas no endereço eletrônico. O professor Sebastien Joachim (UEPB) tem vários livros publicados e tem apresentado conferências a respeito de imaginário e literatura. Participou dos Ciclos de Estudo do Recife.

Quanto à Arquitetura: o método por mim proposto em 1993 (ATU-9) tem sido utilizado na Ecole d'Architecture de Grenoble, tendo por produtos o Diplôme de Sophie Chambe sobre o vilarejo Real de Catorce no México (1997), um espetáculo sobre a Sicília (Grenoble-1997) em Cenografia: a peça *Fractales d'une poétique brésilienne*, de Tania Pitta e Mario de Carvalho e posteriormente a tese de doutorado de Tania Pitta (Paris V-2007). Considerando que as noções de tempo e espaço são construções do imaginário e formam as bases de toda cultura, considerando ainda que toda cultura está alicerçada em seus relatos míticos, propõe-se que todo espaço específico, que todo espaço construído, seja considerado como um microuniverso mítico, justificando a utilização do agora denominado por Tania Pitta de ATL-9 (Arquétipo Teste do Lugar de 9 elementos).

Em Comunicação, temos a preciosa contribuição de Muniz Sodré que, com seu pertencimento simultâneo a duas culturas —ocidental e africana—, propõe indispensáveis “Jogos Extremos do Espírito”; em termos de representações sociais pode-se dar destaque às obras “Rede Imaginária: Televisão e Democracia” e “A Verdade Seduzida”. A de Juremir Machado da Silva, da PUC-RS com as pesquisas em Cultura midiática e tecnologias do imaginário e seus numerosos livros publicados a este respeito, e a revista *Famecos*: sua “investigação tem privilegiado mídia, história e imaginário. Desenvolve um projeto intitulado Como se produzem os imaginários. Dele já resultaram os livros *História regional da infância*, *o destino dos negros farrapos* e *outras iniquidades brasileiras*, ou como se produzem os imaginários (Porto Alegre, L&PM, 2010), *Vozes da legalidade, política e imaginário na era do rádio* (Porto Alegre, Sulina, 2011), *A sociedade midiocre*, *passagem ao hiper-respetacular* (Porto Alegre, Sulina, 2012) e *Correio do Povo*, a primeira semana de um jornal centenário (Porto Alegre, Sulina, 2014); Juremir trabalha com a ideia de “descobrimento” por ele desenvolvida em *O que pesquisar quer dizer* (Porto Alegre, Sulina, 2009). Trata-se de um processo de desvendamento ou desconstrução. Em comunicação ainda a importante contribuição de Ana Tais Portanova Barros que lidera o Imaginalis - Grupo de Estudos sobre Comunicação e Imaginário / CNPQ / UFRGS: um espaço de investigação de temas focalizados em sua dimensão arquetípica, mítica, simbólica. Tendo na tradição de

Gaston Bachelard e Gilbert Durand a inspiração fundante, Imaginalis se inaugura com trabalhos na área da Comunicação, debruçados sobre a Fotografia e o Cinema, e se abre para pesquisas multidisciplinares, estabelecendo relações com as várias áreas do conhecimento, a elas unido pelo “tecido conjuntivo” que é o imaginário. “A transdisciplinaridade se faz presente, pois é levando em conta também o conhecimento construído além das disciplinas que se torna possível uma aproximação do imaginário, já que este é o “capital pensado e impensado do Homo sapiens” (G. Durand). Assim, ao rigor metodológico se une a polissemia do pensamento por imagens, buscando-se o equilíbrio da *coincidentia oppositorum* que negocia com as diferenças sem apaziguar contradições”.

Destaca-se ainda, o estudo da vivência de mulheres em meio Rural (Flávia Maia Guimarães. A luta pela terra: Imaginário e Gênero. Dissertação de Mestrado em Educação - 1998 – orientação de Neide Miele - UFPB) através da aplicação do AT-9 coletivo. Mas seria impossível citar tantos trabalhos em tão pouco espaço.

Sanchez Teixeira (p. 113) retoma o resumo feito por Paula Carvalho: “Paula Carvalho (1998a) identifica as seguintes etapas/vertentes nas elaborações de base de G. Durand: 1) a arquetipologia geral, que apreende os invariantes do comportamento humano como comportamento simbólico, através das estruturas figurativas e dos regimes de imagens; 2) a mitocrítica e a mitanálise, que procuram identificar numa obra de arte, num autor, numa época os núcleos mitêmicos; 3) a tópica sociocultural, como condição de uma sociologia profunda; 4) a ‘bacia semântica’; e finalmente 5) a mitodologia”.

No que tange à mitodologia, foram feitas adaptações das propostas originais vindas da França, necessárias à compreensão da diversidade da cultura local brasileira. Veremos a seguir adaptações e variações efetuadas sobre as propostas metodológicas durandianas. Muitas são relativas ao teste AT-9 (Arquétipo teste de 9 elementos) de Yves Durand, que consiste na elaboração de um microuniverso mítico. Foi feita em 1975, pelo NIPi da UFPE, uma padronização deste teste para a cultura brasileira, propondo novas categorias para a sua interpretação, como por exemplo, acrescentar a categoria “família” entre os adjuvantes (Rocha Pitta, 1975).

Em sociologia destaca-se o grupo da UNIR - Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas do Imaginário Social atento à construção da identidade regional rondoniense; Gênero, violência e políticas de desenvolvimento —rede social e imaginário—; História e Imaginário: cultura popular e etnicidade; História e Representações Literárias; Memória e Direitos Humanos; Violência de Gênero entre os Wari. Tem publicações de periódicos: Revista Presença em parceria com o LABOGEOH - Difusão Cultural: Projeção de filmografia de cineastas locais. Assessoria para Movimentos Sociais e instituições diversas ligadas a Gênero, Cultura, etnicidade indígena, patrimônio histórico e imaginário. Oferecimento de mesa redonda e GT nos Ciclos de Estudos sobre o Imaginário congresso internacional e na 1ª Semana de Humanidades da UNIR.

Tendo em vista a especificidade do objeto de estudo, o AT-9, inicialmente aplicado pelo seu criador de maneira individual, foi adaptado para aplicação coletiva. Assim é que Flávia Maia Guimarães, para estudar o imaginário de mulheres em área rural, juntou folhas de isopor e diversos materiais —pedras, terra, grama— para que, em conjunto, construíssem o microuniverso proposto. A história a ser contada também foi feita de forma coletiva. Assim pôde ser observado o semblante da angústia na figura antropomorfa ligada ao poder, nas formas de defesa escolhidas. Outra aplicação coletiva foi feita em relação ao estudo de um grupo de pichadores, alunos de uma escola de periferia o Recife: uma parede do pátio foi disponibilizada assim como latas de spray de tintas para responderem coletivamente ao teste (Rita Garcez, 2000). O teste foi adaptado para os interesses da arquitetura e urbanismo (D. Rocha Pitta, 1998) desde 1993. Trata-se de desenhar e dispor em um mapa os 9 elementos do teste, isto aplicado a um número representativo de habitantes do lugar, com a finalidade de se obter um mapa sensível do mesmo. O novo método foi nominado por Tania Pitta de ATL-9 (Pitta, 2015). A partir de dados antropológicos, ele permite a obtenção de um material capaz de trazer conhecimentos preciosos para os vários ramos das Ciências Humanas. Assim, para a antropologia, o teste virá permitir a caracterização cultural de grupos sociais específicos; para a sociologia ele virá trazer dados essenciais como a determinação do ator social característico de um grupo, do seu tipo de ação, do relacionamento do indivíduo com o grupo, entre outros; para a psicologia,

como teste projetivo, ele virá indicar como o indivíduo percebe a sua “angústia existencial” e como a ela reage, além de poder assumir uma função terapica. Para a arquitetura, dará conta da vivência do espaço.

Em conferência apresentada na xv Semana de Humanidades (UFRN) em Maio de 2007, intitulada: “O corpo inserido em diversas lógicas culturais: uma poética da sexualidade”, e antes no Congresso de Americanistas em Sevilla, eu colocava que em relação a questões de gênero, após trabalho de campo realizado no Recife, pôde ser observado, no cotidiano da cidade e não na academia, um grupo de lésbicas, reunido em 2004, contabilizando 17 categorias sexuais. Já existe aí uma lógica bem menos excludente que a lógica binária. Ora, a proposta que então fazíamos e que continuamos fazendo, em adequação com a teoria acima exposta e com as práticas do cotidiano, é considerar a existência não mais de categorias, mas de polarizações criando uma dinâmica específica. A sexualidade se atualizaria então entre os dois polos feminino e masculino seguindo o modelo do trajeto antropológico.

Figura 1.

Cada vivência, individual ou coletiva, se locomove no eixo segundo as circunstâncias. Nesta perspectiva, a sexualidade sendo uma dinâmica, não há mais possibilidade de exclusão de uma ou outra categoria. Assim como a identidade, esta dinâmica varia no tempo: cada cultura, assim como cada indivíduo, pode se locomover no seu próprio eixo, construir o seu trajeto, viver seu próprio destino sendo atraído mais ou menos por um dos polos segundo as circunstâncias. No plano mítico, esta concepção da sexualidade é bem ilustrada pelas imagens dos deuses Shiva ou Oxumare que conjugam as varias dimensões da sexualidade.

Perspectivas: Deve-se destacar a importância das redes internacionais que estão se formando atualmente tais como:

A Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y Representaciones (RIIR), criada em 2014, pelo Dr. Felipe Saez Aliaga, do Instituto Nacional de Estudios Avanzados (IAEN) em Quito, chamando pesquisadores de diferentes partes da América Latina para formar a rede que adquire o aval acadêmico em abril de 2015, da faculdade de sociologia da Universidade de St. Thomas – Colômbia e que está organizando este precioso livro. A RIIR tem por objetivos: Criar uma reunião e intercâmbio de conhecimentos sobre o imaginário e as representações em várias abordagens teóricas e metodológicas; a criação de um banco de dados de pesquisadores; a divulgação de grupos, projetos, informações e eventos; articular virtualmente cursos, seminários, workshops, fóruns, conferências nacionais e internacionais; promover projetos comuns internacionais de investigação.

O CRI2I, fundado em CLUJ em 2012: é um centro de pesquisa de vocação multidisciplinar. Desenvolve uma reflexão sobre a hermenêutica das imagens, símbolos, arquétipos e mitos presentes na imaginação de uma cultura, de uma época ou de um criador. Ele está estruturado em quatro áreas principais de pesquisa: Imaginário Topológico: lugares, paisagens, espaços; Imaginário da ciência e das tecnologias; o Corpo Imaginário; Mitocrítica e mitanálise. Em 2015, em seu 2º encontro realizado em Porto Alegre (Brasil) foi assinado um manifesto. O conteúdo do manifesto é o seguinte:

1. Desde a publicação de “As estruturas antropológicas do imaginário” e da fundação do primeiro CRI (Centre de Recherches sur l’Imaginaire) por Gilbert Durand em 1966 na Universidade de Chambéry, França, as pesquisas sobre o imaginário conheceram crescente desenvolvimento: extensão em diversas disciplinas (Literatura, Sociologia, Psicologia, Educação, Filosofia, Artes), expansão geográfica através da criação de dezenas de grupos de pesquisa, da Coreia ao Brasil, passando pela América do Norte e toda Europa.
2. Durante esse período, o imaginário se tornou um conceito consistente e operatório ao lado da racionalidade para melhor compreender as discursividades e as práticas tanto individuais quanto

coletivas, a ponto de a palavra conhecer uma generalização e uma plasticidade equívocas que acompanham sua adoção por diversas ciências sociais. A refundação do CRI2I em 2012 corresponde a uma vontade dos pesquisadores a voltar aos fundamentos epistemológicos e metodológicos para melhor se distinguir de orientações advindas do enfraquecimento teórico e dos usos abusivos do imaginário nas fronteiras das modas e das publicidades.

3. A partir do II congresso do CRI2I em Porto Alegre, chegou a hora de abrir um novo período de desenvolvimento das pesquisas baseadas sobre: 1) uma confirmação, retificação e atualização das ferramentas teóricas através da confrontação heurística e dinâmica das correntes de pesquisa convergentes: semiótica, semiologia, narratologia, psicologia das profundezas, neurociências; 2) a consideração dos novos objetos e domínios de emergência do imaginário: mídias digitais, games, séries televisivas, robótica, práticas artísticas pós-figurativas, arquitetura e urbanismo, design, prospectiva, saúde e terapias, comunicação política, administração e empreendedorismo, inovação tecnológica, indústrias culturais, interculturalidade.

4. Nesse contexto, o CRI2I deseja se reforçar e se impor como plataforma multidisciplinar e internacional de pesquisas sobre as imagens, a imaginação e o imaginário na trilha do estruturalismo figurativo, da hermenêutica simbólica e da fenomenologia das iconosferas. Ele se destina a coordenar, encorajar, validar, valorizar os trabalhos de equipes e de pesquisadores individuais. O CRI2I deseja ajudar também a identificar e estimular novos territórios e projetos de pesquisa, a relacionar os trabalhos teóricos com os campos de aplicações práticas, a buscar fontes de financiamentos institucionais e propostas dos meios profissionais que esperam cada vez mais a competência especializada e o aconselhamento.

5. Assim, o CRI2I deseja mais do que nunca testemunhar o lugar irredutível do imaginário nas sociedades e culturas e defender a legitimidade e a urgência do recurso ao imaginário, ao poético, ao simbólico e ao mítico enquanto inclinação noturna do *anthropos*. O imaginário deve permitir o contraponto ao risco de uma instrumentalização da racionalidade frequentemente a serviço de

interesses econômicos e financeiros num mundo globalizado. Os trabalhos sobre o imaginário devem se tornar espelho e investimento essencial das Ciências Humanas e Sociais e uma alavanca fundamental para implementar um verdadeiro humanismo, respeitoso de uma antropologia integral.

O que foi exposto acima representa uma pequena parte do que se tem feito na ótica desta nova epistemologia no Brasil. A opção pela fenomenologia, mais particularmente a fenomenologia poética é evidente. Complementa-se a informação com a lista parcial —abaixo— dos livros publicados no Brasil, a lista dos Grupos de Pesquisa, a partir dos resultados das análises dos questionários —modelo enviado pelo RIIR— recebidos. Merecem destaque: a percepção por todos aqui citados da insuficiência e superficialidades de métodos baseados em uma lógica dicotômica, implicando na necessidade de levar em consideração a lógica do terceiro incluído (Basarab Nicolescu, 1999); o fato da *mitologia* se adaptar a qualquer objeto de estudo; o fato deste método permitir acesso à dinâmica vigente. E o aprofundamento —via mito e fenomenologia poética— do conhecimento.

Esta é, na minha opinião, a única antropologia, a do imaginário, que permite perceber e interagir com o outro em pé de igualdade, em uma situação de respeito mútuo, considerando, como propõe a revista *Esprit Critique*, que “todo pensamento científico é primeiramente um pensamento mítico”.

Finalmente, espero que possa existir na ciência, como disse G. Durand, “simultaneamente uma razão generosa e uma alma rigorosa”.

Referencias bibliografias

- Araújo, A. F.; Durand, Y. et Sirronneau, J.-P. (Org.). (2011). *Variations sur l'imaginaire. L'épistémologie ouverte de Gilbert Durand. Orientations et innovations*. Bruxelles, Belgique: EME
- Bohr, N. (1991). *Physique atomique et connaissance humaine. Édition établie par Catherine Chevalley*. Paris, France: Gallimard.

- Durand, G. (1980). *L'âme tigrée. Les pluriels de la psyché*. Paris, France: Denoël/Gonthier.
- Durand, G. (1969). *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*. Bordas.
- Durand, G. (1998). Atlântico longínquo e telurismo próximo: imaginário lusitano e imaginário brasileiro. *Campos do Imaginário*.
- Durand, G. (2000). *Imagens e reflexos do Imaginário português*. Lisboa, Portugal: Hugin.
- Durand, G. (2008). O corpo inserido em diversas lógicas culturais: uma poética da sexualidade. *Bagoas : Revista de Estudos Gays*.
- Durand, G. (2001). *Une des formes de la réception de l'œuvre de Bachelard au Brésil*. Dijon, France: Cahiers Gaston Bachelard.
- Durand, G. (2000). *Dynamiques du symbole dans la médiation mythique*. Paris, France: Sociétés.
- Durand, G. (1998). *L'imaginaire comme méthode d'appréhension des cultures complexes*. Dijon, France: Bulletin de Liaison des Centres de Recherche sur l'imaginaire.
- Durand, G. (1998). Para uma arquitetura sensível. *Revista de Antropologia (PPGA/UFPE)*.
- Durand, G. (1998). Fractais de uma poética pernambucana. *Revista de Antropologia (PPGA/UFPE)*.
- Durand, G. (1985). Mitos e símbolos nos Xangô de Pernambuco. *Cadernos de Ciências Sociais (Porto)*.
- Sanchez Teixeira, M. C. (2005). A pesquisa sobre o imaginário no Brasil: Percursos e percalços. *Ritmos do Imaginário*.
- Santos, M. C. O. (1997). Conhecimento Mítico: Expressão do Imaginário. *Caderno Kàwé, 1*.
- Silva, C. P. e Junior, G. F. C. (2013). Natureza e Representações Imaginárias. *Appris*.
- Sodré, M. (1994). Jogos extremos do espírito. *Rocco*.
- Wunenburger, J.-J. (2012). Des “mythologiques” de Claude Levi-Strauss à la “mythodologie” de Gilbert Durand. Dans Guenancia, P. Et Sylvestre, J. P. *Claude Lévi-Strauss et ses contemporains*. PUF.
- Xiberras, M. (2002). *Pratique de l'imaginaire. Lecture de Gilbert Durand*. Québec, Canada: Presses Universitaires de Laval.

Bibliografia parcial existente publicada em português

- Alves, F. L.; Schroeder, T. M. R. e Barros, A. T. M. P. (2014). *Diálogos com o imaginário*. Curitiba: CRV.
- Araújo, A. F.; Araújo, J. M. e Ribeiro, J. A. (2012). *As Lições de Pinóquio. Estou farto de ser sempre um boneco*. Curitiba: Editora CRV.
- Araújo, A. F.; Teixeira, M. C. e Sanchez, G. D (2011). *Imaginário e educação*. Niterói: Intertexto.
- Araújo, A. F. e Barros, Vieira, J. D. (Org.). (2011). *Actas do III Seminário Arte e Imaginário na Educação*. Braga: Centro de Investigação em Educação-CIED.
- Araújo, A. F. e Amaral, M. V. (Org.). (2011). *Actas do Colóquio Internacional Antropologia do Imaginário e Educação do Envolvimento/Desenvolvimento*. Braga: Centro de Investigação em Educação-CIED.
- Araújo, A. F.; Araújo, J. M. e Azevedo, F. (Org.). (2010). *Actas do Colóquio Internacional Educação, Cultura e Imaginário: desafios contemporâneos*. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Araújo, A. F.; Azevedo, F.; Barbosa, M.; Araújo, J. M. (Org.). (2010). *Actas do Colóquio Internacional: Educação, Cultura e Imaginário: recontextualização e tradição*. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Araújo, A. F.; Araújo, J. M. (2009). *Imaginário Educacional - figuras e formas*. Niterói: Intertexto.
- Araújo, A. F.; Azevedo, F e Araújo, J. M. (Org.). (2008). *Actas do Colóquio Internacional Educação, Imaginário e Literatura*. Braga: IEC/IEP/CIED/UM.
- Araújo, A. F. e Araújo, J. M. (2007). *Utopia, Cidade e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Araújo, A. F.; Azevedo, F e Araújo, J. M. (Org.). (2007). *Educação e Imaginário, Literatura e Romance de Formação*. Braga: IEP/CIED/IEC/LIBE/UM.
- Araújo, A. F.; Azevedo, F e Araújo, J. M. e Pereira, C. S. (Org.). (2007). *Imaginário, Identidades e Margens. Estudos em torno da Literatura Infanto-Juvenil*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Araújo, A. F.; e Baptista, F. P. (Eds.). (2003). *Variações sobre o imaginário. Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Araújo, A. F. e Wunenburger, J. J. (2006). *Educação e Imaginário. Introdução a uma filosofia do imaginário educacional*. São Paulo: Cortez.
- Araújo, D. C. e Contrera, M. S. (Orgs.). (2014). *Teorias da Imagem e do Imaginário*. Belo Horizonte: Compós.
- Augras, M. (s.f.). Imaginário da magia: magia do imaginário. *Vozes - Coleção: Teologia e Ciências Humanas*, 72.
- Atihé, E. B. A. (2006). *Uma educação da alma: literatura e imagem arquetípica*. Tese de doutorado. São Paulo: FEUSP.
- Azevedo, N. S. N. e Scoffano, R. (Org.). (2016). *Estilhaços do Imaginário*. Campinas: Alínea.
- Azevedo, N. S. N. e Scoffano, R. (Org.). (2009). *Recortes do Imaginário: novas colagens*. Campinas: Alínea.
- Azevedo, N. S. N.; Almeida, N.; Arruda, F.; García, P. B. C.; Gens, A.; Henriques, E. M. O.; Lopes, P. S. V. e Losada, M. R. (Org.). (2006). *Imaginário e Educação: reflexões teóricas e aplicações*. Campinas: Alínea.
- Badia, D. D. (1999). *Imaginário e Ação Cultural*. UEL.
- Barbosa, E. R. L. e Nogueira, M. A. L. (Org.). (2006). *Cartografias Culturais do Imaginário e da Complexidade*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Barros, J. D. V. (2010). *Gilberto Freyre, Imaginário e Educação*. São Luís: EDUFMA.
- Barros, J. D. V. (Org.). (2008). *Imaginário e Educação: pesquisas e reflexões*. São Luís: EDUFMA.
- Barros, J. D. V. (2001). *Imaginário da Brasilidade em Gilberto Freyre*. São Luís: EDUFMA.
- Barros, A. T. M. P. (2008). *Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano*. Porto Alegre: Armazém Digital.
- Barros, A. T. M. P.; Fraga, D. (Org.). (2007). *Nós transdisciplinamos: diálogos nas ciências da comunicação*. Porto Alegre: Armazém Digital.
- Barros, A. T. M. P. (2001). *Jornalismo, magia, cotidiano*. Canoas: Editora da ULBRA.
- Barros, A. T. M. P. (Org.). (2015). *A teoria geral do imaginário 50 anos depois: conceitos, noções, metáforas*. Porto Alegre. Online. Recuperado de: http://imaginallis.pro.br/produto/anais_ii_congresso_cri2i/
- Bay, D. (2011). *O sonho da razão: imaginário e simbolização*. Florianópolis: Bernúncia.

- Carvalho, M. F. O. (2014). Imaginário Barroco de Rosa Magalhães. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, 11.
- Cavalcanti, C. A.; Cavalcanti, A. P. (2011). *O que se pode ver nas religiões - Textos do Videlicet*. João Pessoa-PB: Editora Universitária da UFPB.
- Cavalcanti, C. A. (2010). *O imaginário da intolerância: inquisição, ciência e ensino (não) religioso*. João Pessoa: Editora Universitária, Videlicet.
- Cavalcanti, C. A. e Cunha, F. C. (2006). *Pernambuco Afortunado: da Nova Lusitânia à Nova Economia*. Recife: Editora INTG.
- Cavalcanti, C. A. e Cavalcanti, A. P. (2015). *O que é o imaginário ? Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand*. João Pessoa: Editora UFPB.
- Cavinato, A. (2015). *Processos de criação: Teatro e Imaginário*. Curitiba: CRV.
- Chaves, I. E. M. B. (2000). *Vestida de Azul e branco como manda a tradição: cultura e rituais na Escola*. Rio de Janeiro: Editoras Quartet e Intertexto.
- Chaves, I. E. M. B. (2016). Corpo e movimento nos labirintos da escola: imagens e simbolismos. Em: Vincentini, P. P.; Cunha, J. L. e Cardoso, L. A. (Org.). *Experiências formativas e práticas de iniciação à docência*. Curitiba: CRV.
- Chaves, I. E. M. B.; Guedes, A. O. (2015). Matrizes do pensamento pedagógico dos anos 1960 e 1970 : memória, imaginário e histórias de vida de uma professora maranhense. Em: Patrício Ribeiro, S. M. e Araújo, A. F. (Org.). *Paisagem, Imaginário e Narratividade - olhares transdisciplinares e novas interrogações da Psicologia Social*. São Paulo: Zagodoni Editora.
- Chaves, I. E. M. B. (2015). A perspectiva teórico-metodológica de um grupo de pesquisa: movimentos instituídos e instituintes. Em: Gasparello, A. M. e Villella, H. (Org.). *Educação na História: Intelectuais, Saberes e Ações*. Rio de Janeiro: Intertexto Editora.
- Chaves, I. E. M. B. (2014). Cultura, imagens e simbolismos: Entre a norma e a vida. Em: Nakayama Nenoki do Couto, E. A.; Dunck-Cintra, E. M.; Oliveira Borges, L. A. (Org.). *Antropologia do Imaginário, Ecolinguística e Metáfora*. Brasília: Thesaurus.
- Contrera, M. S. (2004). *Jornalismo e realidade: a crise da representação do real e a construção simbólica da realidade*. São Paulo: Mackenzie.
- Correa, D. A e Contrera, M. S. (Orgs.). (2014). *Teorias da Imagem e do Imaginário*. Compós.

- Couto, E. K. N. N.; Couto, H. H. e Mato, F. G. (2014). *Ecolinguagem. Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáforas*. Brasília.
- Couto, E. K. N. N. (2012). *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus.
- Couto, E. K. N. N.; Cintra, E. M. D. (Org.) (2014). *Borges, L. A. O. (Org.) Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáforas*. Brasília: Thesaurus.
- Couto, E. K. N. N. (2005). *Em busca da casa perdida: vozes e imaginário de meninos de rua*. São Paulo: Anna Blume.
- Cunha, B. R. R. (Org.). (2013). *Entre o mito, o sagrado e o poético: ecos de uma sinfonia*. Rio de Janeiro: 7Letras/ Belo Horizonte: FAPEMIG.
- Cruz, A. D. e Lima, M. F. G. (2015). *Anais do XII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e III. Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano*. Online. Recuperado de: <http://www.seminariolhm.com.br/2015/>
- Donizeti, A. C. e Lima, M. F. G. (Org.). (2012). *Literatura e poéticas do imaginário*. Editora 1 – Goiás.
- Ferreira-Santos, M. e Almeida, R. (2012). *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos.
- Ferreira-Santos, M. e Almeida, R. (2012). *Cinema e contemporaneidade*. São Paulo: Képos.
- Ferreira-Santos, M. e Almeida, R. (2011). *Antropolíticas da Educação*. São Paulo: Képos.
- Ferreira-Santos, M. e Gomes, E. S. L. (Org.). (2010). *Educação & Religiosidade: imaginários da diferença*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Ferreira-Santos, M. (2005). *Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi*. São Paulo: Editora Zouk.
- Ferreira-Santos, M. (Org.). (2002). *Imagens de Cuba: a esperança na esquina do mundo*. São Paulo: Editora Zouk.
- Ferreira-Santos, M. (Org.) (2000). *Anais do II Encontro sobre Imaginário, Cultura & Educação*. São Paulo: Plêiade.
- Ferreira-Santos, M.; Porto, M. R. S.; Teixeira, M. C. S. e Bandeira, M. L. (Org.). (2000). *Tessituras do Imaginário: Cultura & Educação*. Cuiabá: EDUNIC/CICE.
- Ferreira-Santos, M. (Org.). (2000). *Cadernos CICE de Ensino & Pesquisa*. São Paulo: Editora Plêiade.

- Ferreira-Santos, M. (Org.). (1998). *Programas & Resumos do I Encontro sobre Imaginário, Cultura e Educação*. São Paulo: CICE/FEUSP.
- Ferreira-Santos, M.; Morales, P. P. e Rubira, F. (2014). *Aproximaciones a la educación sensible: vivencia en los núcleos experienciales en Astronomía y Arte-educación*. Bogotá: Idartes – Planetario de Bogotá.
- Gomes, A. L. F. (2015). Materialismo racional e materialismo imaginário. Em: Gomes, A. L. F. (Org.). *Festins de seda. Festival Myhtos Logos e outras inventices bachelardianas*. Natal: EDUFRN.
- Gomes, A. L. F. (2015). *A religação dos saberes no rio do imaginário e da imaginação simbólica*. Anais do II Congresso Internacional do CRI2I. GT 4 – Imaginário e Linguagens. Porto Alegre: UFRGS. Online. Recuperado de: <http://www.ufrgs.br/cri2i/?tag=cri2i&lang=en>
- Gomes, E. S. L. (2013). *Um baú de símbolos na sala de aula*. São Paulo: Paulinas.
- Gomes, E. S. L. (2011). *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Gomes, E. S. L. (Org.). (2011). *Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário*. João Pessoa: Ed UFPB.
- Gomes-Da-Silva, P. N. e Gomes, E. S. L. (2010). *Malhação: Corpo Juvenil e Imaginário Pós-Moderno*. João Pessoa: UFPB.
- Guberman, M. C. (Org.). (2015). *Provocações da Amazônia: dos Rios Voadores aos Voos Imaginários*. Cascavel: Edunioeste.
- Joachim, S. A. (2011). *Representação do outro na literatura popular francesa e latino americana*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Joachim, S. e Xavier, A. C. (Org.). (2010). *Hipertexto & Cibercultura*. São Paulo: Rêspel.
- Joachim, S. (2010). *Poética do imaginário*. Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Joachim, S.; Vieira, A. M. T. e Dionisio, A. P. (2010). *Aspectos da Leitura*. PPGL-UFPE.
- Kuperman, P. S. e Priscila, S. K. (1995). *Tarô: Uma Linguagem Feiticeira*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Legros, P.; Monneyron, F.; Renard, J. B. e Tacussel, P. (2014). *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Editora Sulina.

- Leite, J. e Santos, L. L. (Org.). (2015). *Discutindo o imaginário: olhares multidisciplinares*. Recife: Editora UFPE.
- Leitão, C. S. (1997). *Por uma Ética da Estética: Uma Reflexão acerca da Ética Armorial Nordestina*. Fortaleza (CE): Fundação Demócrito Rocha / Ed UECE.
- Leitão, C. S. (1989). *A Crise dos Partidos Políticos Brasileiros: Os Dilemas da Representação Política no Estado Intervencionista*. Fortaleza (CE): Tipoprogresso.
- Lemos, A. (2002). *Cultura das Redes. Ciberensaios para o século XXI*. Salvador: Edufba.
- Lemos, A. (2002). *Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina/Meridional.
- Lemos, A.; Palacios, M. (Org.). (2000). *Janelas do Ciberespaço. Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.
- Loureiro, A. M. L.; Penso, M. A.; Gomes, L. e Faleiros, V. P. (Org.). (2011). *O lugar que sobrou: idoso asilado, ILPI, imaginário; tabagismo e geracionalidade*. Brasília: Ed. Universa.
- Loureiro, A. M. L.; Osório, N. B.; Neto, L. S.; Andrade, C. (Org.) Isto é o asilo. Estudos de casos em asilos do Brasil e da Itália. Santa Maria RS: Biblos editora, 2010
- Loureiro, A. M. L. e Cardoso, V. R. (Org.). (2008). *Velhice asilada, gênero e imaginário*. Goiânia go: Descubra.
- Loureiro, A. M. L. e Faleiros, V. P. (Org.). (2006). *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília: Universa.
- Loureiro, A. M. L.; Suano, H.; Montalverne, C. I.; Migliorini, W. J. M. e Batista, A. (Org.). (2004). *O Velho e o Aprendiz: O Imaginário em Experiências com o AT-9*. São Paulo: Zouk.
- Loureiro, A. M. L.; Gomes, L.; Wortmann, K.; Guidi, L. M.; Woortmann, E.; Safons, M. P. (Org.). (2004). *Terceira Idade: Ideologia, Cultura, Amor e Morte*. Brasília: Editora Universidade de Brasília - EdUnB.
- Loureiro, A. M. L. (1998). *A Velhice, O Tempo e A Morte: subsídios para possíveis avanços do estudo*. Brasília: EdUnb.
- Mattos, S. M. (2013). *Simbolismo do Herói: uma abordagem sobre a Ciência do Imaginário*. Curitiba: Editora CRV.
- Mello, A. M. L. (2002). *Poesia e Imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Nitschke, R. G.; Ramos, F. R. S. e Monticelli, M. (2000). *Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: Aben/ Governo Federal.
- Nitschke, R. G. (1999). *Mundo Imaginal de ser família saudável: a descoberta de laços de afeto numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos*. Pelotas: Editora da UFPEL.
- Nogueira, M. A. L. e Silva, E. R. B. (Org.). (2006). *Cartografias Culturais do imaginário e da Complexidade*. Recife: Editora Universitária - UFPE.
- Nogueira, M. A. L. (2002). *Ariano Suassuna O Cabreiro Tresmalhado*. São Paulo: Palas Athena.
- Nunes, A. S.; Fabrini, V. e Lyra, L. (2013). *Mito e teatro*. In: Isaacsson, Marta et. al. (org.) *Tempos de memória: vestígios, ressonâncias e mutações*. Porto Alegre: Abrace: AGE.
- Oliveira, E. R. (2002). *Da Cidade Planejada à Cidade Espoliada*. Araraquara: Laboratório Editorial UNESP/Araraquara - Cultura Acadêmica Editora.
- Oliveira, E. R. (1992). *A Profanação do Sagrado e a Sacralização do Profano*. Araraquara: Coleção Textos-UNESP.
- Oliveira, E. R. (1991). *O Que é Medicina Popular*. São Paulo: Editora Nova Cultural (Círculo do Livro).
- Oliveira, E. R. (1985). *O Que é Benzeção*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Oliveira, J. (2010). Princípios para uma educação afro-brasileira. Em Monteiro. (Org.). *Culturas Contemporâneas, Imaginário e Educação: Reflexões e Relatos de Pesquisas*.
- São Carlos, SP: Rima.
- Oliveira, V. F. (1997). *Imaginário Social e Escola de Segundo Grau*. Editora: Unijuí.
- Ormezzano, G. R. e Secco, L. (2016). Santa María de Loreto: imaginário jesuítico-chilota. *Lumen et Virtus*, 7.
- Ormezzano, G. R. (2016). Mito e metamorfose: o caso de Vitória. *Educação, Sociedade & Culturas*, 47.
- Ormezzano, G. R.; Antunes, D. (2015). Ecodesign: uma experiência na formação de professores enfatizando a leitura e o ensino de ciências. *Actas de Diseño*, 19.
- Paes Loureiro, J. J. (1991). *Cultura Amazônica, uma poética do imaginário*. Belém: Cejup.

- Paula Carvalho, J. C. (2002). *Viáticos do Imaginário*. São Paulo: Editora Plêiade/ O.S.J.J.
- Paula Carvalho, J. C. (2001). *Pessoa, Grupo e Comunidade: o personalismo ontológico de N. Berdiaev, suas ampliações na antropologia hermenêutica e na educação fática*. São Paulo: Editora Plêiade/ O.S.J.J.
- Paula Carvalho, J. C. (2000). *Cultura da Alma e Mitanálise: imaginário, poesia e música*. Londrina: Editora UEL.
- Paula Carvalho, J. C. (1999). *Mitocrítica e Arte: trajetos a uma poética do Imaginário*. Londrina: Editora UEL, 1999.
- Paula Carvalho, J. C. (1998). *Imaginário e Mitodologia: hermenêutica dos símbolos e estórias de vida*. Londrina: Editora UEL.
- Paula Carvalho, J. C.; Porto, M. R. S.; Melloni, R. M. e Teixeira, M. C. S. (1998). *Imaginário e ideário pedagógico: um estudo mitocrítico e mitanálítico do projeto de formação do pedagogo na FEUSP*. São Paulo: Editora da USP.
- Paula Carvalho, J. C. (1998). *Le génie du christianisme deux: Conférences d'Athènes*. São Paulo: Editora Plêiade.
- Paula Carvalho, J. C. (1998). *Cultura da alma e mitanálise: imaginário, poesia e música*. Londrina: Editora UEL.
- Paula Carvalho, J. C. (1990). *Antropologia das Organizações e Educação: Um Ensaio Holonômico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Peres, L. M. V. (Org.). (2004). *Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano*. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas.
- Pesavento, S. J. (1973). *O imaginário da cidade - visões literárias do urbano: Paris*. Rio de Janeiro: Porto Alegre.
- Piva, M. L. (2013). *Imaginários em (des)construção: um romance no Rio Grande*. Pelotas: Signos.
- Póvoas, R. (2010). *A memória do feminino no candomblé: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro*. Ilhéus: Editus.
- Póvoas, R. (2007). *Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco*. Ilhéus: Editus.
- Póvoas, R. (2003). *VersoREverso*. Ilhéus: Editus.
- Rocha Pitta, D. P. e Ramos, S. S. (Org.). (2011). Imaginário do envolvimento/ desenvolvimento. *Anais do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário*. Online. Recuperado de:

- http://www.univmontp3.fr/ufr5/irsa/telechargements/XIV_Ciclo_De_Estudos_Sobre_O_Imaginario_ANAIS.pdf
- Rocha Pitta, D. P. (Org.). (2006) As dimensões imaginárias da natureza. *Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o imaginário*. Online. Recuperado de: http://www.univmontp3.fr/ufr5/irsa/telechargements/XIV_Ciclo_De_Estudos_Sobre_O_Imaginario_ANAIS.pdf
- Rocha Pitta, D. P. (2005). *Iniciação à teoria do Imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora.
- Rocha Pitta, D. P. (Org.). (2005). *Ritmos do Imaginário*. Recife: Editora Universitária UFPE.
- Rocha Pitta, D. P. (Org.). (2004). *Imaginário do terror*. Recife: Associação Ylê Setí do Imaginário.
- Rocha Pitta, D. P. (Org.). (2002). *Imaginário e memória*. Recife: UFPE.
- Rocha Pitta, D. P.; Nogueira, M. A. L. e Garcez, R. (Org.). (2000). *Imaginário e Ciberultura*. Recife: Revista AntHropológicas.
- Rocha Pitta, D. P. e Nogueira, M. A. L. (Org.). (1998). *Imaginário e Complexidade*. Recife: Revista AntHropológicas – PPGA/UFPE.
- Rocha Pitta, D. P.; Nogueira, M. A. L. (Org.). (1996). *Imaginário e Localismo afetual*. Recife: Antropológicas – PPGA/UFPE.
- Rocha Pitta, D. P. e Melo, M. R. C. (Org.). (1995). *Vertentes do Imaginário: arte, sexo, religião*. Recife: Massangana/Universitária.
- Rocha Pitta, D. P. (Org.). (1984). *O Imaginário e a simbologia da passagem*. Recife: Massangana.
- Rocha Pitta, D. P. (Org.). (1976). *Imaginário e Criatividade*. Recife: IJNPS.
- Rozestraten, A. S. (2015). *Portadores/Porteurs – Imaginário e Arquitetural/Imaginaire et Architecture, foto-livro bilíngue*. São Paulo: Ed. Annablume.
- Sanches, J.; Almeida, R. e Saura, S. C. (2013). *Interculturalidade, Museu e Educação*. São Paulo: Laços.
- Santos, M. C. (2016). *Oliveira. Aprender com o mito de origem africana*. Itabuna: Wr3 Design.
- Saura, S. C. (2008). *Planeta de Boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do Bumba-meu-Boi*. São Paulo: FEUSP.
- Silva, J. M. (2011). *Vozes da Legalidade - Política e imaginário na Era do Rádio*. Porto Alegre: Sulina.

- Silva, J. M. (2006). *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.
- Silva, J. M. (1999). *Para navegar no Século XXI*. Fronteiras.
- Silva, V. C. P. (2010). *Palmas, a última capital projetada do século XX: uma cidade em busca do tempo*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Silva, V. C. P. e Corcinio J. R. G. F. (Org.). (2013). *Natureza e representações imaginárias*. Curitiba-PR: Appris.
- Souza, E. N. F. e Costa, S. B. (Orgs.). (2011). *Reflexos e sombras: arquétipos e mitos na literatura*. Goiânia: Cãnone Editorial/Belo Horizonte: FAPEMIG.
- Souza, E. N. F. (Org.). (2016). *Poesia com deuses: estudos de Hídrias, de Dora Ferreira da Silva*. Rio de Janeiro: 7Letras/ Belo Horizonte: FAPEMIG.
- Souza, E. N. F. (Org.). (2013). *Flores de Perséfone: a poesia de Dora Ferreira da Silva e o sagrado*. Goiânia: Cãnone Editorial/Belo Horizonte: FAPEMIG.
- Teixeira, M. C. S.; Araújo, A. F. (2011). *Gilbert Durand: imaginário e educação*. Niterói: Intertexto.
- Teixeira, M. C. S. e Porto, M. R. S. (Org.). (2004). *Imaginário do medo e cultura da violência*. Niterói: Intertexto.
- Teixeira, M. C. S. (2000). *Discurso Pedagógico, Mito e Ideologia, o imaginário de Paulo Freire e Anísio Teixeira*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Teixeira, M. C. S.; Porto, M. R. S.; Bandeira, M. L.; Santos, M. F. (Org.). (2000). *Tessituras do imaginário: educação & cultura*. Cuiabá: Editora Unic.
- Teixeira, M. C. S. e Porto, M. R. S. (Org.). (1999). *Imagens da cultura: um outro olhar*. São Paulo: Plêiade.
- Teixeira, M. C. S. e Porto, M. R. S. (Org.). (1999). *Imaginário, cultura e educação*. São Paulo: Plêiade.
- Teixeira, M. C. S.; Porto, M. R. S.; Carvalho, J. C. P. e Melloni, R. M. (1998). *Imaginário e Ideário Pedagógico: um estudo mitocrítico e mitanalítico do projeto de formação do pedagogo na FEUSP*. São Paulo: Plêiade.
- Teixeira, M. C. S. (1990). *Antropologia, Cotidiano e Educação*. Rio De Janeiro: Imago.
- Turchi, M. Z. (2003). *Literatura e Antropologia do Imaginário*. Editora: UNB.
- Strongoli, M. T. Q. G. (2005). Encontros com Gilbert Durand - Cartas, depoimentos e reflexões sobre o imaginário. Em Rocha Pitta, D. P. (Org.). *Ritmos do imaginário*. Recife: Editoria Universitário – UFPE.

- Strongoli, M. T. Q. G. (2003). O discurso literário, o mítico, e o multiculturalismo. Em Santos, D. O. A. e Turchi, M. Z. (Org.). *Encruzilhadas do imaginário: ensaios de literatura e história*. Goiânia: ed. Cânone.
- Strongoli, M. T. Q. G. (2001). Contextos : educação, comunicação, imaginário. Em Strôngoli, M. T.; Piovesan, L e Colcioni, M. (Org.). *Livros e computador - Palavras, ensino e linguagens*. São Paulo: Iluminuras.
- Strongoli, M. T. Q. G. (2000). Do signo ao símbolo: as figurativizações do imaginário. Em Pino, D. (Org.). *Semiótica: olhares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Thomaz, S. B. (Org.). (2009). *Imaginário, Educação e Cultura da Escola*. Rio de Janeiro: Editora Rovellet.
- Thomaz, S. B. (2009). *Imaginário Teatro-Educação*. Rio de Janeiro: Rovellet.
- Tonin, J. e Gerbase, C. (Org.). (2016). *Janelas para o mundo: telas do imaginário*. Porto Alegre: Sulina.
- Tonin, J. e Azubel, L. (Org.). (2016). *Comunicação e Imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Waldman, M. (2016). *Cartografias do Racismo: Imaginário, Discriminação Racial e Espaço. Coleção Temas Contemporâneos*. São Paulo: Editora Kotev.
- Waldman, M. (2000). Africanidade, Espaço e Tradição: a topologia do imaginário africano tradicional na fala griot de Sundjata Keita do Mali. África - Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, 20-21.

Anexos

GRUPOS DE PESQUISA CADASTRADOS NO CNPQ

(Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia. Instituição: UFPA

Líder(es): Flávio Leonel Abreu da Silveira, Rosangela Marques de Britto

Área: Antropologia

Antropologia, Imaginário e Educação. Instituição: UFJF

Líder(es): Julvan Moreira de Oliveira

Área: Educação

ARTCRI- Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas, Imagem e Imaginário. Instituição: UFBA

Líder(es): Catarina Sant'Anna

Área: Artes

Arte, cultura e imaginário. Instituição: UNISA

Líder(es): Maria Auxiliadora Fontana Baseio

Área: Artes

Arte, cultura e imaginário na educação - GSACI. Instituição: UFMA

Líder(es): João de Deus Vieira Barros, Josenildo Campos Brussio

Área: Educação

Centro Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas do Imaginário Social. Instituição: UNIR

Líder(es): Valdir Aparecido de Souza, Edinaldo Bezerra de Freitas

Área: Antropologia

Corpo, cultura e imaginário social. Instituição: UFRJ

Líder(es): Simone Freitas Chaves

Área: Educação Física

Cultura, Imaginário, Memória, Narrativa, e Educação (CIMNE). Instituição: UFF

Líder(es): Iduina Edite Mont Alverne Braun Chaves

Área: Educação

Educação estética e imaginário. Instituição: UPF

Líder(es): Graciela René Ormezzano, Gérson Luís Werlang

Área: Artes

GEIPAT - Grupo de Estudos de Imaginário, Paisagem e Transculturalidade.
Instituição: UFG

Líder(es): Valéria Cristina Pereira da Silva, Givaldo Ferreira Corcinio Junior

Área: Geografia

GEPAI - Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário. Insti-
tuição: UFPB

Líder(es): Eunice Simões Lins Gomes, Leyla Thays Brito da Silva

Área: Teologia

Geracionalidade, imaginário e violência. Instituição: UCB/DF

Líder(es): Vicente de Paula Faleiros

Área: Psicologia

GERIS - Grupo de Estudos sobre Representação Social, Imaginário, Memória
e Intervenção Profissional. Instituição: UEL

Líder(es): Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires, Jeane Barcelos Soriano

Área: Educação Física

Gestão pública educacional, imaginário e cultura. Instituição: UFPE

Líder(es): Evson Malaquias de Moraes Santos

Área: Educação

Grupo de Estudo e Pesquisa em Enfermagem sobre o Quotidiano, Imaginá-
rio, Saúde e Família - GEPEQUISE. Instituição: UEM

Líder(es): Cremilde Aparecida Trindade Radovanovic

Área: Enfermagem

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social. Instituição:
UFSM

Líder(es): Valeska Maria Fortes de Oliveira, Lúcia Maria Vaz Peres

Área: Educação

Grupo de Estudos sobre transgressões, imagens e imaginários. Instituição:
UFMG

Líder(es): Ida Lucia Machado, Emília Mendes Lopes

Área: Lingüística

Grupo de Pesquisa e de Estudos Memória e Imaginário das Vozes e Escrituras das Culturas Populares. Instituição: UFPB

Líder(es): Beliza Aurea de Arruda Mello

Área: Lingüística

Grupo de Pesquisa Imagem e Imaginários. Instituição: PUCRS

Líder(es): Juliana Tonin

Área: Comunicação

Grupo de Tecnologias do Imaginário. Instituição: PUCRS

Líder(es): Juremir Machado da Silva, Francisco Eduardo Menezes Martins

Área: Comunicação

Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade. Instituição: UFBA

Líder(es): Luiz Claudio Cajaiba Soares, Ciane Fernandes

Área: Artes

História, cultura e imaginário. Instituição: UFRGS

Líder(es): Carla Simone Rodeghero, Miriam de Souza Rossini

Área: História

Imaginalis - Grupo de Estudos sobre Comunicação e Imaginário. Instituição: UFRGS

Líder(es): Ana Tais Martins Portanova Barros, Jean-Jacques Wunenburger

Área: Comunicação

Imaginar. Grupo de pesquisas sobre imaginário, educação e formação de professores.

Instituição: UNIOESTE

Líder(es): Andrea Cristina Martelli, Tânia Maria Rechia Schroeder

Área: Educação

Imaginário e Cultura no Ocidente Medieval. Instituição: UFAM

Líder(es): Sinval Carlos Mello Gonçalves

Área: História

Imaginário e Informação: Estudos Culturais e Comparativos. Instituição: UFF

Líder(es): Rosa Inês de Novais Cordeiro

Área: Ciência da Informação

Imaginário Educação e Memória. Instituição: UFPel

Líder(es): Lúcia Maria Vaz Peres, Andrisa Kemel Zanella

Área: Educação

Imaginário Mítico na Literatura e em outras Artes. Instituição: UEPB

Líder(es): Maria Goretti Ribeiro, Francisca Zuleide Duarte de Souza

Área: Letras

Imaginário Religioso Brasileiro. Instituição: PUC/SP

Líder(es): Enio Jose da Costa Brito, Claudio Santana Pimentel

Área: Teologia

Imaginário Social da Saúde, Esporte e Lazer. Instituição: UGF

Líder(es): Nilda Teves Ferreira, Monique Ribeiro de Assis

Área: Educação Física

Imaginário Tecnológico. Instituição: UFRJ

Líder(es): Ieda Tucherman, Cecília Carrossini Bezerra Cavalcanti

Área: Comunicação

Imaginário, Símbolo e Mito. Instituição: UFVJM

Líder(es): Roberto Antônio Penedo do Amaral

Área: Filosofia

Imaginários na Comunicação Visual (Imagicom). Instituição: UEL

Líder(es): André Azevedo da Fonseca

Área: Comunicação

ÍMAN - Imagem, Mito e Imaginário nas Artes da Cena. Instituição: UFG

Líder(es): Alexandre Silva Nunes, Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra

Área: Artes

LIMES - Literatura e Imaginário, Marginalidade, Estética e Sociedade. Instituição: UFG

Líder(es): Alexander Meireles da Silva, Silvana Augusta Barbosa Carrijo

Área: Letras

Laboratório do Imaginário Social e Educação. Instituição: UFRJ

Líder(es): Nyrma Souza Nunes de Azevedo, Reuber Gerbassi Scofano

Área: Educação

LAPIIS - Laboratório de Pesquisa em Infância, Imaginário e Subjetividades.

Instituição: UFF

Líder(es): Andréa Cardoso Reis, Ana Lúcia Lima da Costa

Área: Educação

Literatura de Massa: os romances sentimentais e o imaginário feminino. Instituição: UECE

Líder(es): Roberta Manuela Barros de Andrade, Erotilde Honorio Silva

Área: Sociologia

Literatura e Diversidade Cultural: imaginário, linguagens e imagens. Instituição: UNEB

Líder(es): Andréa do Nascimento Mascarenhas Silva, Valdete da Macena Pardiniho

Área: Letras

Literatura, História e Imaginário. Instituição: URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Líder(es): Denise Almeida Silva

Área: Letras

Literatura, História e Teorias do Imaginário. Instituição: PUCRS

Líder(es): Ana Maria Lisboa de Mello

Área: Letras

Literatura, Imaginário e Poéticas da Contemporaneidade. Instituição: FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Líder(es): Mairim Linck Piva, Claudia Mentz Martins

Área: Letras

Memória e Imaginário nas Literaturas Brasileira e Africanas. Instituição: UFRPE

Líder(es): Sávio Roberto Fonsêca de Freitas, Iêdo de Oliveira Paes

Área: Letras

Memórias do ABC: Memória e Imaginário em novos contextos da Comunicação

Instituição: USCS

Líder(es): Priscila Ferreira Perazzo

Área: Comunicação

Mídia e Estudos do Imaginário. Instituição: UNIP

Líder(es): Malena Segura Contrera, Jorge Miklos

Área: Comunicação

Nas fronteiras da Linguagem, a indistinção: práticas significativas, imaginário e vida social (da violência e da resistência). Instituição: Unicamp

Líder(es): Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi

Área: Lingüística

NELIM- Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário. Instituição: UFG

Líder(es): Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, Maria Thereza Guimarães Strongoli

Área: Lingüística

Núcleo de Estudos em Estética e Política dos Imaginários (NEPI). Instituição: UNILA

Líder(es): Dinaldo Sepúlveda Almendra Filho

Área: Artes

Núcleo de Estudos em Neorregionalismo, Imaginário e Narratividade. Instituição: UESPI

Líder(es): Herasmo Braga de Oliveira Brito

Área: Letras

Núcleo de Estudos sobre Imaginário e Linguagem - NEIL. Instituição: UESB

Líder(es): Clédson Luciano Miranda dos Santos, José Carlos da Silva Simplício

Área: Artes

Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre Enfermagem, Quotidiano, Imaginário, Saúde e Família de Santa Catarina - Nupequis-FAM-SC. Instituição: UFSC

Líder(es): Rosane Goncalves Nitschke, Ana Maria Farias da Silva

Área: Enfermagem

Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário. Instituição: UFPE

Líder(es): Danielle Perin Rocha Pitta, Maria das Vitorias Negreiros do Amaral

Área: Antropologia

O Imaginário da Exclusão - grande imprensa e protestos, Brasil, 2014. Instituição: USP

Líder(es): Marília Pacheco Fiorillo

Área: Comunicação

O imaginário poético hispano-americano. Instituição: UFRJ

Líder(es): Mariluci da Cunha Guberman

Área: Letras

OIKOUMENE- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Religião, Cultura e Imaginário

Instituição: UFAM

Líder(es): Marilina C. Oliveira Bessa Serra Pinto, Marco Aurélio Coelho de Paiva

Área: Filosofia

POEIMA - Grupo de Pesquisa Poéticas e Imaginário. Instituição: UFU

Líder(es): Enivalda Nunes Freitas e Souza, Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro

Área: Letras

Poéticas do Imaginário e Memória. Instituição: UNIOESTE

Líder(es): Antonio Donizeti da Cruz, Maria de Fatima Gonçalves Lima

Área: Letras

Práticas culturais, religiosidade e imaginário. Instituição: UFRB

Líder(es): Marco Antônio Nunes da Silva, Fabricio Lyrio Santos

Área: História

Relações Raciais: Memória, Identidade e Imaginário. Instituição: PUC/SP

Líder(es): Teresinha Bernardo, Regimeire Oliveira Maciel

Área: Antropologia

Representação, Imaginário e Educação. Instituição: UFF

Líder(es): Mary Rangel, Marcio Rodrigo Vale Caetano

Área: Educação

Representações Sociais, Imaginário e Educação Contemporânea. Instituição: UNEB

Líder(es): Paulo Batista Machado, Suzzana Alice Lima Almeida

Área: Educação

Rite - Representações: Imaginário e Tecnologia. Instituição: USP

Líder(es): Artur Simões Rozestraten, Karina Oliveira Leitão

Área: Arquitetura e Urbanismo

Semiótica e construções identitárias: a semiotização da herança cultural árabe-andaluza na geração de sentidos de identidade e alteridade no imaginário brasileiro. Instituição: UAM

Líder(es): Ricardo Nogueira de Castro Monteiro

Área: Lingüística

Signo, imaginário, cultura. Instituição: UFBA

Líder(es): Ana Rosa Neves Ramos, Cláudio José Meneses de Oliveira

Área: Letras

Som, imagem e imaginário. Instituição: UNIBRASIL

Líder(es): Marcelo Eduardo Ribaric

Área: Comunicação

Symbolismum - Estudos Sobre Imaginário e Complexidade. Instituição: UFPE

Líder(es): Eduardo Romero Lopes Barbosa

Área: Artes

Topos: Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Design, Educação e Imaginário

Instituição: IFSUL

Líder(es): Alexandre Vergínio Assunção

Área: Desenho Industrial

Viagem, imaginários e socialidade. Instituição: UFJF

Líder(es): Euler David de Siqueira, Vera Maria Guimarães

Área: Turismo

Videlicet - Estudos em Intolerância, Diversidade e Imaginário. Instituição: UFPB

Líder(es): Carlos André Macêdo Cavalcanti, Francisco de Assis Vale Cavalcante Filho

Área: Teologia

Laboratório de Pesquisas Transdisciplinares sobre Moda. Instituição: UFPE

Líder(es): Mario de Faria Carvalho, Allene Carvalho Lage

Área: Desenho Industrial

Síntese das áreas de pesquisa

Educação 16

Letras/Linguística 16

Antropologia 14

Comunicação 10

Artes 9

Historia 5

Teologia 3

Filosofia 2

Enfermagem 2

Desenho industrial 2

Psicologia 1

Arquitetura 1

Geografia 1

Turismo 1

(alguns grupos estão em 2 disciplinas)